



**TER OU SER? O MATERIALISMO E SUA RELAÇÃO COM A SATISFAÇÃO DE
VIDA EM ADOLESCENTES**

Fernanda Palhares

Dissertação de Mestrado
Porto Alegre/RS, 2015

**TER OU SER? O MATERIALISMO E SUA RELAÇÃO COM A SATISFAÇÃO DE
VIDA EM ADOLESCENTES**

Fernanda Palhares

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em
Psicologia sob orientação da Profa. Dra. Lia Beatriz de Lucca Freitas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia do Desenvolvimento
Programa de Pós-graduação em Psicologia
Maio, 2015

*If I am what I have,
And what I have is lost,
Who then am I?"*
Eric Fromm, 1976

*Para Renato e Luiza:
Por compreenderem minha ausência
E me oferecerem muito amor*

AGRADECIMENTOS

Este trabalho encerra mais uma etapa em minha vida. Etapa que iniciou por uma mudança de vida, de troca de carreira, de escolha por uma segunda graduação. Muitos cruzaram meu caminho até aqui e espero poder agradecer com todo o meu coração.

Em primeiro lugar, agradeço ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Agradeço aos professores e funcionários que colaboram para que, diariamente, os alunos possam compartilhar de um ensino de excelência. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsas que tornam possíveis o crescimento da ciência em nosso país.

Agradeço ao LAPEGE – Laboratório de Psicologia e Espistemologia Genética que me abriu suas portas e me acolheu desde o início de minha graduação. À minha orientadora Prof. Dra. Lia Beatriz de Lucca Freitas, que coordena o laboratório e me guiou durante todos estes anos. Lia, te considero muito mais que uma orientadora. És uma pessoa especial com um coração enorme e sempre pronta a ajudar, ouvir e aconselhar. Nossa relação foi estimuladora e enriquecedora para a conclusão deste trabalho. Quero deixar um agradecimento especial à Andressa Carvalho Prestes, bolsista de iniciação do LAPEGE, por estar sempre disponível e interessada e trabalhar em cooperação. Agradeço aos meninos Felipe Siqueira e Fábio Culau pela ajuda com as pesquisas, escritos e inseguranças.

Agradeço ao grupo do CAP – Centro de Avaliação Psicológica, por ter me aproximado dos instrumentos e mensuração em psicologia, que foi um conhecimento fundamental para a realização desta dissertação. Principalmente à Prof. Dra. Denise Ruschel Bandeira por sua disponibilidade e atenção desde o início de minha graduação.

A participação das escolas foi extremamente importante. Sem o consentimento destas, este estudo não se realizaria. Agradeço aos diretores, professores, coordenadores e alunos que se empenharam para que eu atingisse meu objetivo.

Agradeço a todos os amigos da estiveram presentes e compartilharam momentos de angústia, alegria, estudo e esforço. Vocês são minha segunda família: Natália Becker, Denise Bernardi, Jaqueline Carvalho, Patrícia Santos e Gabriela Resmini. Aos “Dindos” Henrique Luzzardi e Sandro Groismann que me deram carinho e aulas de estatística.

De coração agradeço minha mana Tânia Palhares e minha sobrinha Bruninha. Os momentos em que estamos juntas a vida fica mais alegre. Tininha, obrigada por sempre me estender tua mão e ser uma Mãe para mim. Por me fazer enxergar a luz no final do túnel e não me deixar desanimar nas horas mais difíceis. Pela parceria e convívio, que mesmo com tanto trabalho, foi sempre presente. Te admiro muito.

Por fim, aos meus amores, Renato Spagnoli e Luiza Palhares Spagnoli: este trabalho é também de vocês. Obrigada por suportar as ausências, que foram muitas, as horas de estudo e dedicação, e por me retornarem com muito amor, sorrisos e carinho. Vocês são a minha vida.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| LISTA DE TABELAS | 9 |
| LISTA DE FIGURAS | 10 |
| CAPÍTULO I..... | 14 |
| INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 1.1 Valores..... | 16 |
| 1.3 O desenvolvimento moral segundo Piaget | 17 |
| 1.3.1 Da anomia à autonomia | 17 |
| 1.3.3 A construção e hierarquização de valores segundo Piaget | 21 |
| 1.4 Adolescência..... | 24 |
| 1.5 Materialismo..... | 25 |
| 1.5.1 Mensuração do construto de materialismo | 28 |
| 1.6 Satisfação de vida | 29 |
| 1.6.1 Mensuração do construto de satisfação de vida..... | 32 |
| 1.7 Justificativa e Objetivos da Pesquisa..... | 33 |
| CAPÍTULO II..... | 36 |
| MÉTODO | 36 |
| 2.1 Participantes | 36 |
| 2.2 Instrumentos | 36 |
| 2.3 Delineamento e Procedimentos | 38 |
| 2.4 Análise dos dados | 39 |
| 2.5 Considerações éticas..... | 40 |
| CAPÍTULO III | 41 |
| RESULTADOS | 41 |
| 3.1 Configuração da amostra | 41 |
| 3.2 Estatísticas sobre a Escala de Valores Materiais (EVM) | 42 |
| 3.2.1 Avaliação de validade interna da Escala de Valores Materiais (EVM) | 43 |

| | |
|--|----|
| 3.2.2 Análise de correlação entre as escalas Escala de Valores Materiais (EVM) e do questionário de Valores Psicossociais (QVP) | 43 |
| 3.2.3 Análise de correlação entre fatores da Escala de Valores Materiais (EVM)..... | 44 |
| 3.3 Resultados das escalas de materialismo e satisfação de vida | 45 |
| 3.3.1 Escala de Valores Materiais | 45 |
| 3.3.1.1 Resultados da Escala de Valores Materiais por Sexo..... | 46 |
| 3.3.1.2 Resultados da Escala de Valores Materiais por Grupo Etário..... | 47 |
| 3.3.1.3 Resultados da Escala de Valores Materiais por Tipo de Escola..... | 47 |
| 3.3.2 Escala Multidimensional de Satisfação de Vida em Adolescentes | 48 |
| 3.3.2 Correlação entre Escala de Valores Materiais (EVM) e a Escala Multidimensional de Satisfação de Vida em Adolescentes (EMSVA) | 49 |
| CAPÍTULO IV | 53 |
| DISCUSSÃO | 53 |
| CAPÍTULO V | 63 |
| CONCLUSÃO..... | 63 |
| Referências | 65 |
| Anexos | 76 |
| Anexo A..... | 76 |
| Anexo B..... | 77 |
| Anexo C..... | 78 |
| Anexo D..... | 79 |
| Anexo E..... | 80 |
| Anexo F | 81 |
| Anexo G..... | 83 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1. Frequência e porcentagem dos participantes nas diferentes idades..... | 36 |
| Tabela 2. Distribuição de participantes por grupo etário..... | 41 |
| Tabela 3. Média diária de horas que assiste televisão e utiliza internet e grau de instrução do chefe da família | 42 |
| Tabela 4. Validade interna da Escala de Valores Materiais | 43 |
| Tabela 5. Análise de correlação entre os fatores da Escala de Valores Materiais e o fator Materialismo do Questionário de Valores Psicossociais | 44 |
| Tabela 6. Análise da correlação de Pearson entre os fatores Sucesso, Centralidade e Felicidade da Escala de Valores Materiais..... | 44 |
| Tabela 7. Resultados da Escala de Valores Materiais | 45 |
| Tabela 8. Distribuição de Escores da Escala de Valores Materiais em Percentis | 45 |
| Tabela 9. Diferenças de médias de materialismo entre sexos | 47 |
| Tabela 10. Diferença de médias de materialismo entre grupos etários | 47 |
| Tabela 11. Diferença de médias de materialismo entre tipos de escola | 48 |
| Tabela 12. Resultados da EMSVA Total..... | 49 |
| Tabela 13. Correlação entre Materialismo e a Escala Multidimensional de Satisfação de Vida em Adolescentes | 50 |
| Tabela 14. Correlação entre satisfação de vida e indivíduos baixos em materialismo | 51 |
| Tabela 15. Correlação entre satisfação de vida e indivíduos altos em materialismo | 51 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1. Esquema de tipos de valores que compõe um sistema de valores | 22 |
| Figura 2. Estrutura e conteúdo dos sistemas de valores (Pereira et al., 2004, p. 507) | 38 |
| Figura 4. Diagrama de dispersão entre os fatores Família e Felicidade | 50 |

RESUMO

Este estudo buscou investigar os níveis de materialismo e sua relação com os níveis de satisfação de vida em adolescentes de escola públicas e privadas da cidade de Porto Alegre. Os instrumentos utilizados foram: (a) Ficha de Dados Sóciodemográficos; (b) Escala de Valores Materiais (EVM); (c) Questionário de Valores Psicossociais (QVP-24); e (d) Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Adolescentes (EMSV). Foram testadas as seguintes hipóteses: (a) há diferença nos níveis de materialismo entre os sexos, sendo que os meninos tendem a ser mais materialistas que as meninas, (b) há diferença nos níveis de materialismo nas diferentes idades estudadas: quanto maior a idade, menores os níveis de materialismo, (c) os níveis de materialismo não diferem entre os adolescentes que frequentam escolas públicas e aqueles que frequentam escolas privadas, e (d) há uma correlação inversamente proporcional entre os níveis de materialismo e de satisfação de vida na amostra investigada. Nos resultados, não se encontrou diferenças nos níveis de materialismo entre os sexos e entre os grupos etários dos participantes, não confirmando as duas primeiras hipóteses. Conforme esperado, os resultados não indicaram diferenças significativas entre os tipos de escola investigados, confirmando a terceira hipótese. Em relação à quarta hipótese, os dados apontam para uma correlação inversamente proporcional significativa entre os níveis de materialismo e satisfação com a vida. A presente dissertação destaca a importância do desenvolvimento de valores ao longo do desenvolvimento como forma a minimizar os efeitos de um materialismo extremo.

Palavras-chave: Materialismo; Satisfação de Vida; Valores; Adolescência

ABSTRACT

This study sought to investigate the levels of materialism and its relation to life satisfaction levels in teenagers from public and private school in the city of Porto Alegre. The instruments used were: (a) Demographic data sheet; (b) Materialism Value Scale (MVS); (c) Psychosocial Values Questionnaire (QVP-24); and (d) Multi-dimensional Life Satisfaction Scale for Adolescents (EMSVa). The following hypotheses were tested: (a) there is a difference in the levels of materialism between sexes, being that boys tend to be more materialistic than the girls, (b) there is a difference in the levels of materialism in different ages studied: the higher the age, the lower the levels of materialism, (c) levels of materialism does not differ among teenagers who attend public schools and those who attend private schools and (d) there is an inversely proportional correlation between levels of materialism and of life satisfaction in the sample investigated. In the results, we not found differences in levels of materialism between genders and between age groups of participants, not confirming the first two hypotheses. As expected, the results did not indicate significant differences between types of school investigated, confirming the third hypothesis. Regarding the fourth hypothesis, the data point to a significant inverse correlation between levels of materialism and satisfaction with life. This paper highlights the importance of developing values along the development as a way to minimize the effects of an extreme materialism.

Keywords: Materialism; Life Satisfaction; Values; Adolescence

APRESENTAÇÃO

No primeiro semestre de minha graduação em psicologia ingressei no Laboratório de Psicologia e Epistemologia Genética, coordenado pela Prof. Dra. Lia Beatriz de Lucca Freitas. Ao longo dos cinco anos de curso, me envolvi com pesquisas que buscavam compreender o desenvolvimento moral em crianças e adolescentes. No ano de 2012, trabalhei em um projeto que investigava a relação entre o sentimento de gratidão e o materialismo nesta população. Foi então que surgiu meu desejo de investigar com maior profundidade a relação dos níveis de materialismo, satisfação de vida e desenvolvimento moral em adolescentes.

Ao longo de meu mestrado me deparei com diversas teorias que tratavam dos temas de meu interesse. Grande parte do meu trabalho foi a de enxergar estas outras teorias através da teoria de desenvolvimento moral de Piaget e tentar aproximá-las. Acredito que meu trabalho contribui neste sentido, fornecendo uma leitura dos escritos piagetianos dentro da atualidade.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período de transição, no qual a formação da identidade e a preparação para o ingresso na sociedade adulta se destacam como pontos principais (Bloss, 1996; Erikson, 1972; Piaget & Inhelder, 1955/1976). Neste momento as questões materiais podem assumir, ou não, grande importância e direcionar as metas e ambições futuras dos jovens (Archenreiner, 1997; Chan, 2013; Dittmar, 2004; Dittmar & Pepper, 1994; Goldberg, Gorn, Peracchio, & Bamossy, 2003; Kramer, 2006; Shim, Sherido, & Barber 2011).

Nesta fase do desenvolvimento, os valores apresentados ao jovem, juntamente com sua percepção sobre estes, somados aos de seus pares, servem de base para a construção de uma escala pessoal de valores, a qual irá lhe guiar ao longo da vida (embora seja sempre possível revisá-la). Levando-se em conta o ciclo vital humano (Eizerick, Bassols, & Kapczinski, 2001), na cultura ocidental, a adolescência é considerada um período de transição entre a infância e a idade adulta. Neste período, observam-se dois fenômenos distintos: (a) a puberdade – processo biológico que leva ao amadurecimento orgânico e à capacidade reprodutiva e (b) a adolescência – relacionada ao desenvolvimento psicológico e social (Osório, 1992; Piaget & Inhelder, 1955/1976). Por ser uma fase de mudanças, é vista como um período difícil, no qual é central a busca de uma identidade dentro de determinado círculo social (Bloss, 1996; Erikson, 1972). Na nossa cultura, é nesta época que o jovem tem contato e se interessa por objetos e situações que lhe proporcionam a desejada independência da família nuclear e consequente identidade adulta, que os diferencia dos demais, e prepara para o seguimento da vida na próxima fase – Adulto Jovem.

Segundo Goldberg e colaboradores (2003) a criança até por volta de 9 anos encontra-se em um nível pré-convencional de desenvolvimento moral, o que significa que ainda está centrada em si mesma (Kohlberg, 1987). Trata-se de um estágio onde os desejos e necessidades são ainda primários e as aquisições tornam-se um fim em si mesmas, não estando a serviço de metas e objetivos de vida. Na medida em que a criança ingressa em um nível de desenvolvimento moral convencional (Kohlberg, 1987), ela se torna mais consistente, adquire melhor capacidade reflexiva e é capaz de validar metas de vida.

Segundo Piaget e Inhelder (1955/1976), é neste momento também que tem início um processo de consolidação de uma escala pessoal de valores a qual implica que o indivíduo tenha capacidade de compreender regras e normas vigentes na sua cultura e que possa realizar escolhas sobre quais valores irão pautar seus objetivos de vida. Para estes autores, é através do desenvolvimento da autonomia, na esfera da moralidade, que o indivíduo é capaz de consolidar

sua escala pessoal de valores que deve considerar valores individuais e coletivos. Nesta construção podemos encontrar os valores materiais, uma vez que aparecem como um dos tipos de valores a ser considerado dentro de uma escala pessoal de valores.

Nas últimas décadas, a importância que os indivíduos concedem aos valores materiais vem aumentando. Twenge e Kasser (2013) realizaram um estudo longitudinal entre os anos 1976 e 2007, envolvendo cerca de 15.000 adolescentes escolares a cada ano. Os participantes foram divididos em três grupos: (a) geração *Boomers*, respondentes dos anos 1976 até 1978; (b) geração *X*, respondentes dos anos 1988 até 1990; e (c) geração *Millennials*, respondentes dos anos 2005 até 2007. Os resultados apontam para um crescimento da importância do dinheiro, de obter certos bens materiais e de ter um emprego muito rentável. Os dados também indicaram uma diminuição da importância do trabalho. Os *Millennials* gostariam de evitar um trabalho árduo, uma jornada profissional rigorosa e não trabalhariam se fosse possível. Em maio de 2013, a revista americana *Time* apresentou como reportagem de capa uma matéria intitulada “*The me me me generation*” buscando enfatizar o estilo de vida dos *Millennials*. Segundo a reportagem, os adolescentes de hoje aparecem como mais narcisistas, menos preocupados com a coletividade e mais materialistas.

Comte-Sponville (2003) afirma que o termo materialismo possui dois sentidos: (a) filosófico e (b) trivial. No sentido filosófico, o materialismo é uma teoria que diz respeito mais ao ser do que ao dever ser. Refere-se mais a uma maneira de pensar do que de viver. No sentido trivial, “materialismo designa uma personalidade ou um comportamento que privilegia as preocupações *materiais*” (p. 143). Neste sentido, o materialismo diz respeito a uma maneira de viver e, portanto, pertence ao domínio ético. É o plano ético que guia a vida que queremos viver e, conseqüentemente, quem queremos ser (La Taille, 2006).

A ênfase no materialismo, em querer ter mais do que querer ser, tem levado vários pesquisadores a investigar se a posse de bens materiais está relacionada a uma melhor satisfação de vida. Estudos realizados com a população adulta apontam para uma correlação inversamente proporcional entre valores materiais e satisfação com a vida (Ahuvia, 2008; Atay, Sirgy, Ciclic, & Husic, 2009; Kasser, 2002; Ryan & Dziurawiec, 2001; Van Boven, 2005). Entre a população adolescente, os resultados também indicam que os jovens que atribuem grande destaque aos valores materiais tendem a se sentir menos satisfeitos com suas vidas (Hudson, 2013; Manolis & Roberts, 2012; Piko, 2006).

Para Savater (2012), as posses materiais representam um aspecto importante da vida quando contribuem para uma melhora em sua qualidade e, acima de tudo, valorizam as relações humanas: “A vida boa humana é vida boa *entre os seres humanos*, caso contrário pode até ser vida, mas não será boa nem humana” (p.55). O autor refere-se a uma vida boa como uma vida

com sentido, na qual deve haver um equilíbrio entre a liberdade e os objetivos que se quer atingir. Para ele, a liberdade permite ao indivíduo a capacidade de estabelecer prioridades, oportunizando a hierarquização entre os objetivos, construções de caráter imediato, e os objetivos, que são construções a curto e longo prazo. A liberdade individual permite que as pessoas realizem suas escolhas de forma a serem capazes de se responsabilizar por elas. Neste ponto, a definição de Savater encontra-se com a teoria de Piaget (1954/2005) sobre o desenvolvimento moral do ser humano, uma vez que a capacidade de realizar escolhas e a liberdade são características da moral autônoma.

Contudo, quando as posses materiais se tornam centrais na vida de um indivíduo as aquisições podem ser concebidas como indispensáveis para a construção de uma vida com satisfação. As posses materiais passam a servir para: (a) satisfazer demandas imaginárias, (b) concretizar desejos que são criados e valorizados em determinados meios sociais e (c) garantir o pertencimento dos indivíduos dentro destes meios, podendo levar ao adoecimento (Silva, 2014).

As pesquisas sobre a relação entre materialismo e satisfação de vida vêm crescendo no cenário mundial. Entretanto, no Brasil, após busca realizada nas bases de dados científicas, não foram encontrados estudos que abordassem essa relação. Os descritores utilizados foram: satisfação de vida, qualidade de vida, valores materiais e materialismo.

Este trabalho visa contribuir para que se compreenda por que os adolescentes que dão grande importância aos valores materiais tendem a se sentir menos satisfeitos com suas vidas. A seguir, busca-se entender e conceitualizar o que são valores, como se formam as escalas pessoais de valores e compreender como se dá a relação entre os valores materiais e a satisfação de vida em adolescentes que vivem no Brasil.

1.1 Valores

De acordo com Vasquez (1998), o termo valor teve sua origem na economia através de estudos realizados por Karl Marx, o qual analisou os valores econômicos e possibilitou um entendimento dos valores em geral. É na atribuição que o homem social realiza sobre os objetos, naturais ou artificiais, que surge o valor, sendo que os valores representam o resultado da interação dos homens com os objetos e dependem, portanto, de quem faz as atribuições, de quando, como, e em que contexto isto é feito. Entretanto, um objeto por mais valioso que possa parecer, geralmente, possui apenas valor econômico. Um bom relógio é um relógio que marca as horas com precisão sendo que o adjetivo que o qualifica não vem a constituir um valor moral. Os valores morais se dão somente entre atos e produtos humanos e compreendem uma atribuição que é realizada por um indivíduo social a um ato ou norma moral.

Para este trabalho, contudo, usaremos o conceito piagetiano de valor: um investimento afetivo que nos move e guia nossas ações em certa direção (Freitas, 2003; La Taille, 2006; Menin, Tavares, & Moro, 2013; Piaget, 1954/2005). Cada indivíduo frente a seus objetivos é capaz de avaliar objetos, pessoas e ações que se apresentam parte integrante de suas escolhas, de acordo com uma relação de valores que serve de base para uma escala pessoal de valores. Na visão piagetiana, um bom relógio pode até não marcar as horas precisamente, mas é sentido como bom enquanto representante de um afeto do indivíduo colocado sobre o objeto. Assim, o conceito de Piaget se diferencia do de Vasquez (1998). Do ponto de vista psicológico, como se sabe, um objeto não possui apenas um valor econômico; ele pode ter um valor afetivo. Por exemplo, um livro antigo, já desgastado pelo tempo, que remete a memórias positivas tem valor para quem o possui. Além disso, porque considera o indivíduo autônomo, que pode escolher entre diversas ações qual se apresenta como um valor maior em direção a seus objetivos (Menin et al., 2013).

1.3 O desenvolvimento moral segundo Piaget

Em 1932, Jean Piaget publicou *Le jugement moral chez l'enfant*, traduzido no Brasil, inicialmente, como O julgamento moral na criança (edição de 1977) e, posteriormente, como o Juízo moral na criança (edição de 1994). Neste livro o autor buscou explicar como os indivíduos se desenvolvem no campo da moral.

Para Piaget (1932/1994), no início da vida do ser humano não existem regras que regulem os relacionamentos com os demais indivíduos e com o mundo que o cerca. Ao chegar à idade adulta o homem pode ser capaz de agir eticamente, sendo capaz de respeitar regras e normas e também pautar sua vida em função de valores pessoais e coletivos. Nesta publicação Piaget investiga como é possível ao indivíduo evoluir da anomia à autonomia e como se dá essa construção.

Cabe salientar que o desenvolvimento moral de crianças e adolescentes não depende apenas de fatores internos ao indivíduo, mas também de fatores do meio social, inclusive, da atitude dos adultos. Tudo que aprendemos com Piaget (1932/1994) indica que as relações entre os indivíduos têm um papel fundamental no desenvolvimento moral do ser humano.

1.3.1 Da anomia à autonomia

Para entender como o indivíduo é capaz de evoluir da anomia para a autonomia, Piaget (1932/1994) iniciou estudos acerca de como se dão as regras no jogo infantil. De acordo com La Taille (1992), a escolha do estudo sobre as regras dos jogos infantis encontra sustentação em pelo menos três razões. A primeira delas é por representarem uma atividade interindividual que é regulada por certas normas que são aprendidas através do contato com os indivíduos

adultos e da relação entre pares. Além disso, o entendimento de uma regra permite que a mesma seja modificada, desde que os jogadores estejam de acordo com as mudanças. A segunda razão é que as regras em si não possuem um caráter moral, mas o sentimento de respeito que envolve as regras é sim de natureza moral, além de envolver frequentemente sentimentos como a justiça e a honestidade, estes sim, da esfera da moralidade. A terceira razão é que as regras do jogo proporcionam mútuos acordos entre os jogadores, ou seja, uma regra somente pode ser modificada com a anuência dos demais. Através da observação de jogos de meninos e meninas, Piaget dividiu em três etapas a questão da prática e da consciência sobre as regras: anomia, heteronomia e autonomia.

Na primeira fase, caracterizada como anomia, a regra confunde-se como hábito: a criança não diferencia entre o que se faz e aquilo que se deve fazer (Piaget, 1932/1994). Nos primeiros anos de vida da criança, em que ela está estabelecendo seus primeiros contatos com o mundo, ainda há uma indiferenciação entre regularidades ou hábitos (aquilo que acontece) e regras (aquilo que deve acontecer). A relação com os outros indivíduos e o mundo que o cerca, ocorre em função de instintos que são inicialmente inatos e, posteriormente, de costumes que vão sendo adquiridos através da aprendizagem. O choro de um recém-nascido precisa ser traduzido uma vez que pode carregar inúmeros significados como dor, desconforto, fome ou sono, sendo que o comportamento é ainda regulado pelos reflexos. A partir das ações dos adultos o bebê começa a perceber o mundo exterior. Quando ocorre uma primeira diferenciação eu-outrem, por volta dos dois anos de idade, é possível que os afetos, até então ligados à atividade da própria criança, originem também sentimentos entre os indivíduos, isto é, sentimento interindividuais (Freitas, 1999).

Com o surgimento dos sentimentos interindividuais tem início um período de transição para a fase de heteronomia. O desenvolvimento da função simbólica e da linguagem produz mudanças na vida da criança que permite a ela evocar uma situação ausente por meio de imagens mentais. Os primeiros sentimentos morais se traduzem pela obediência e respeito a uma figura de autoridade. Entretanto, ainda inexiste nesta fase a capacidade de generalização das normas, que são válidas somente em situações particulares. Piaget (1932/1994) denominou este tipo de respeito como respeito unilateral, o qual nasce da relação dos indivíduos com as regras morais que se apresentam, em um primeiro momento, através de relações de coação: as regras são externas aos sujeitos, recebidas através de adultos significativos e inicialmente sentidas como obrigatórias e imutáveis:

A criança heterônoma não assimilou ainda o sentido da existência das regras: não as concebe como necessárias para regular e harmonizar as ações de um grupo de jogadores e por isso não as segue à risca; e justamente por não as conceber

desta forma, atribui-lhes uma origem totalmente estranha à atividade e aos membros do grupo, e uma imutabilidade definitiva que faz as regras assemelharem-se às leis físicas (La Taille, 1992, p.50).

A obediência aparece como uma via de mão única, as regras são colocadas e executadas, sendo que não está presente a capacidade reflexiva sobre as mesmas. É a partir da consciência sobre as regras que o sentimento de respeito muda de natureza. As relações de coação têm como característica a assimetria: uma das partes impõe sua forma de pensar, critérios e regras. A reciprocidade está ausente neste tipo de relação, em função da incapacidade cognitiva e afetiva do indivíduo de se colocar no lugar do outro. As relações de coação não aparecem como facilitadoras da construção de estruturas mentais operatórias: as crianças tendem a acreditar e prestar obediência ao que é dito, caracterizando assim o respeito unilateral.

Segundo Piaget (1965/1973), esses primeiros sentimentos morais tornam possível o surgimento de formas superiores de respeito e de dever. Além disto, em função do respeito unilateral espontâneo que a criança tem por seus pais e outros adultos significativos, ela busca imitá-los e adota os seus valores.

Além da relação com adultos, que proporciona o surgimento do respeito unilateral e da obediência, a criança estabelece relações com pares que se traduzem na principal fonte de relações cooperativas que progressivamente tornam-se de grande importância na vida social do adulto. As relações de cooperação, ao contrário das de coação, são simétricas e passíveis de reciprocidade. Requerem acordos mútuos entre os participantes, estando presentes nas relações entre os pares. A cooperação permite o desenvolvimento moral e intelectual uma vez que permite a descentração: o indivíduo deve ser capaz de se colocar no lugar do outro para entender suas regras e poder compartilhar do seu universo:

Na coação trata-se, portanto, de “fazer como os outros”, seguindo-se o critério da semelhança. Na cooperação, no entanto, o critério é outro: é o da reciprocidade, o que não significa “fazer igual ao outro”, mas sim, coordenar o ponto de vista próprio com o ponto de vista do outro (La Taille, 1992, p. 61).

Neste momento surgem novos sentimentos morais, os sentimentos autônomos. As crianças começam a realizar avaliações morais pessoais, refletir sobre as regras que são colocadas e agir de acordo com as mesmas ou até alterá-las para que passem a fazer sentido em outros contextos. A transição para uma fase de moral autônoma implica no surgimento de outro tipo de respeito, o respeito mútuo, no qual, através da possibilidade de exercer operações lógicas complexas, o indivíduo é capaz de realizar abstrações sendo, portanto, capaz de se colocar no lugar do outro, e esta capacidade que garante a ideia de mutualidade nas relações. As relações de cooperação tornam-se fundamentais, porque permitem que os indivíduos construam de

forma mais sofisticada as concepções de “eu” e de “outro” possibilitando a alteração das regras desde que elas mantenham a característica de mutualidade. Esta segunda forma de respeito está na origem do sentimento de dever ou obrigação moral e é onde os indivíduos se atribuem reciprocamente um valor equivalente. Para Piaget (1932/1994):

O respeito mútuo aparece, portanto, como a condição necessária da autonomia, sob seu duplo aspecto, intelectual e moral. Do ponto de vista intelectual, liberta as crianças das opiniões impostas, em proveito da coerência interna e do controle recíproco. Do ponto de vista moral, substitui as normas da autoridade pela norma imanente à própria ação e à própria consciência, que é a reciprocidade na simpatia (p. 91).

Uma relação de respeito mútuo implica a necessidade de não contradição moral, visto que não se pode, ao mesmo tempo, valorizar o outro e agir de maneira a ser desvalorizado por ele. As relações de respeito mútuo dão origem a outro tipo de obrigatoriedade: o sentimento de obrigação moral ou de dever propriamente dito, o qual Piaget (1932/1994) também denominou sentimento do bem. Assim surge a moral autônoma, na qual é o indivíduo que se autorregula ao se submeter a normas válidas para qualquer ser humano, inclusive para ele mesmo. Aparecem os sentimentos relacionados a ideais coletivos e a formação da personalidade. Neste momento do desenvolvimento o pensamento formal permite que o indivíduo realize operações complexas, trabalhe com hipóteses e deduções. Esta capacidade de realizar operações no campo da lógica (Piaget & Inhelder, 1955/1976) está diretamente ligada ao desenvolvimento de um pensamento formal e serve como instrumento indispensável para o adolescente ingressar na sociedade adulta.

As operações lógicas são, segundo Piaget (1965/1973), os instrumentos mentais que permitem a coordenação de diferentes pontos de vista, tanto os pontos de vista de indivíduos distintos quanto as intuições sucessivas de um mesmo indivíduo. A vontade desempenha, no plano afetivo, uma função equivalente à operação, no plano intelectual. Com a constituição da vontade, o ser humano liberta-se de seus desejos imediatos e torna-se capaz de estabelecer fins prioritários para suas ações (Freitas, 2003). A vontade é um importante instrumento de autorregulação para o ser humano, pois possibilita que ele hierarquize valores, definindo prioridades para seus investimentos afetivos, constituindo, então, uma escala pessoal de valores (Freitas, 2011). E, como disse Piaget (1954/2005), a escala de valores de um indivíduo, os valores nos quais acredita são sua razão de ser. Até 11 ou 12 anos, os investimentos afetivos da criança restringem-se aos objetos e às pessoas. A partir deste momento, ao mesmo tempo em que se torna capaz de raciocinar sobre hipóteses, o adolescente realiza uma descoberta

afetiva de que existem valores coletivos que se diferenciam dos valores individuais, da família, da cidade e das realidades visíveis ou concretas (Freitas, 2003).

Em nossa cultura o objetivo da educação e da socialização dos indivíduos é a conquista da autonomia. Esta conquista requer que os adolescentes tenham construído os instrumentos necessários, tanto cognitivos quanto afetivos, que lhe permitam realizar, através de sua vontade, suas escolhas em direção aos seus objetivos. Escolher significa priorizar uma ação em detrimento de outra, respeitando a uma hierarquia de valores, presente em uma escala pessoal de valores.

1.3.3 A construção e hierarquização de valores segundo Piaget

Uma escala de valores é uma construção que ocorre entre indivíduo e sociedade. Esta construção implica que o indivíduo tenha capacidade de compreender regras e normas vigentes na sua cultura e que possa realizar escolhas sobre quais valores irá pautar seus objetivos de vida. De acordo com Piaget (Piaget & Inhelder, 1955/1976), é através do desenvolvimento da autonomia, na esfera da moralidade, que o indivíduo é capaz de consolidar sua escala pessoal de valores que deve considerar valores individuais e coletivos. Para Piaget (1954/2005), afeto e cognição são elementos indissociáveis e distintos da conduta humana. Em psicologia os valores são tidos como investimentos que o sujeito realiza no meio social onde vive, sendo que parte deste investimento é cognitivo, relacionado à nossa concepção de mundo, e parte afetivo, relacionado ao nosso interesse pelo mundo ao nosso redor (La Taille, 2009, Piaget, 1954/2005). Considera-se, portanto, que a formação de uma escala pessoal de valores não prescinde de um desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral.

Segundo Piaget (1965/1973), é na interação entre os indivíduos que se moldam os fatos sociais. Nesta interação são construídas as regras, os valores e os símbolos que expressam a relação entre ambos, integrando assim o que autor chamou de “três realidades sociais fundamentais” (p. 114). As regras são definidas como o sistema das obrigações, enquanto que os valores constituem o sistema de trocas e os símbolos representam a forma de expressão de regras e valores. Ambos os estudos, sobre as regras e os símbolos foram aprofundados (Piaget, 1932/1994) e, junto com os valores, constituem uma base para o entendimento do desenvolvimento moral.

Em relação ao estudo dos valores, para esse autor existe uma distinção entre os valores ditos “normativos”, que são os que regem uma sociedade, como os valores morais, as leis e determinações jurídicas, e os valores de troca. Estes por sua vez podem ser econômicos ou sociais. Os valores sociais, apesar de poderem muitas vezes ser quantificados, são geralmente qualitativos e implicam em valorização virtual, ou seja, é o reconhecimento por um trabalho

executado, a gratidão recebida por uma ação benevolente. Por valores econômicos entendem-se os valores passíveis de quantificação, os valores materiais (Figura 1).

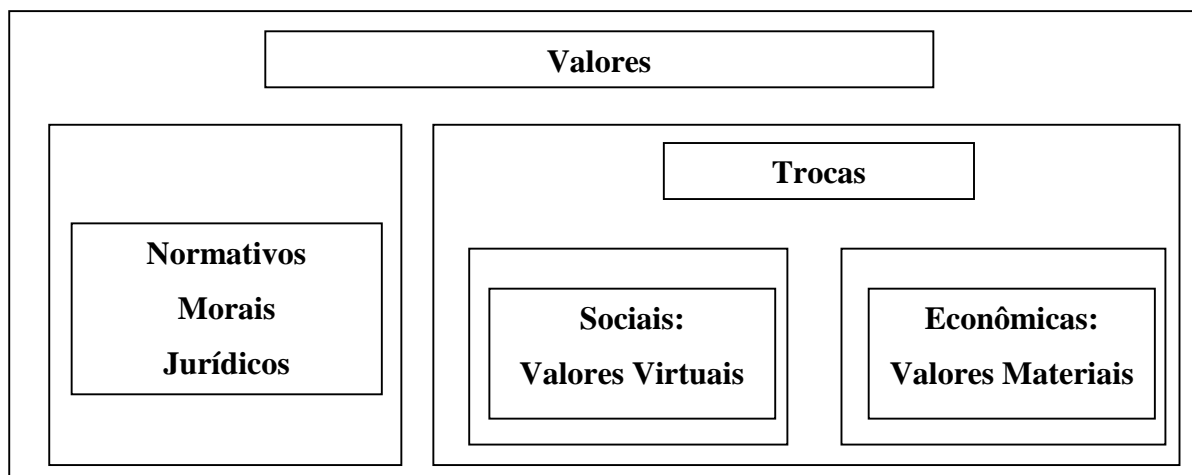


Figura 1. Esquema de tipos de valores que compõe um sistema de valores

Conforme mencionado, a escala de valores de um indivíduo é sua razão de ser (Piaget, 1954/2005). Aquilo que uma pessoa mais valoriza ocupa o topo de sua escala; é este valor que dá sentido (direção e significado) a sua vida. Os demais valores de sua escala são meios para atingir a esse fim. Por exemplo, se aquilo que uma pessoa mais deseja é “ter muito dinheiro”, a riqueza (entendida como acúmulo de bens materiais e/ou valores monetários) é que dá sentido à sua vida.

Ao longo do desenvolvimento, os valores normativos, materiais e virtuais vão constituindo o sistema de valores dos indivíduos. Desde o início da vida, quando ocorrem as primeiras trocas com o mundo exterior, o valor está presente e, neste momento inicial, os esquemas de ação do indivíduo permitem a assimilação dos objetos que vão adquirindo significado (aspecto cognitivo) e interesse (aspecto afetivo) (D’Aurea-Tardelli, 2009; Freitas, 2003; Piaget, 1954/2005). A afetividade proporciona a definição de metas enquanto que a cognição ou inteligência irá estabelecer a forma como estas metas serão atingidas. Os valores se apresentam como reguladores de conduta e oportunizam a realização de escolhas por parte do indivíduo (Souza, 2012) não apenas a partir de uma relação de custo-benefício.

Segundo Piaget (1954/2005), na conduta humana, existem dois sistemas que regulam a afetividade: (a) o sistema de regulação energética, o qual é regido pela relação entre o custo (quantidade de energia a ser despendida) e o benefício obtido com a ação e (b) o sistema de valores, o qual diz respeito aos fins da ação, ou seja, em que (conteúdo) empregar a energia.

A vontade, no sentido piagetiano, se assemelha à operação quando, frente a uma nova situação, o indivíduo deve ser capaz, com base em sua escala de valores, analisar a situação

atual e até mesmo mudar de ponto vista. Sendo assim, uma ação com alto custo pode ser preferida a uma de baixo custo para o indivíduo, porque é mais valorizada:

“... a vontade é uma regulação em segundo grau, uma regulação de regulações, assim como a operação no plano intelectual é uma ação sobre as ações. Em outras, palavras, a expressão da vontade é a conservação dos valores e o ato da vontade consiste em subordinar uma situação dada a uma escala permanente de valores” (Piaget, 1954/2005, p. 94).

Por exemplo, o que é mais importante: a riqueza ou a honestidade? La Taille (2006) relatou a seguinte situação: em uma fila da cantina um menino acha e pega para si uma nota de dez reais, e, no caminho até chegar ao caixa faz uma reflexão e decide devolvê-la. Neste caso, o ímpeto de ficar com um dinheiro que não era seu (riqueza – valor material) se subordinou (tornou-se menos importante) a outro valor maior que estava presente na escala de valores do menino (honestidade – não roubar).

Dentro das sociedades, os valores estão dispostos em sistemas de valores que tem por característica a heterogeneidade e a variabilidade, fazendo com que estes sistemas válidos por certo período de tempo em um contexto específico. Cada indivíduo está sujeito a uma ou mais escala de valores em cada momento de sua vida e sua relação com a escala adotada é o que regula suas ações e comportamentos na sociedade. A construção de uma escala pessoal de valores se dá em função da busca dos indivíduos por questões como segurança, liberdade, atividade, valores elementares e individuais que visam manter o equilíbrio pessoal ao longo da vida.

Considerando-se que cada indivíduo regula sua vida de acordo com sua escala pessoal de valores, existe o momento em que dois indivíduos, em relação, irão compartilhar situações nas quais os valores de cada um podem vir a se somar, trazendo um crescimento para ambos, a diminuir, trazendo prejuízos para algum ou ambos os lados, ou ser indiferente, isto é, os valores de um não repercutem no de outro. Esta relação entre os indivíduos, ou mesmo entre as coletividades, pressupõe a existência de uma escala *comum* de valores (Piaget, 1965/1973). É somente perante esta escala comum que o indivíduo pode envolver-se em trocas sociais e garantir a manutenção ou evolução da escala adotada. Porém, para a efetiva adoção de uma escala por um indivíduo, este necessita estar em um estágio do desenvolvimento no qual as regras, os valores e os símbolos, expostos anteriormente, tenham sentido e possam ser avaliados. Segundo Piaget (1932/1994), é a conquista da autonomia que torna o ser humano capaz de refletir sobre valores, os seus e os dos demais que fazem parte de sua rede de convivência: “o sujeito autônomo não é um ‘reprimido’, mas sim um homem livre, pois

livremente convencido de que o respeito mútuo é bom e legítimo. Tal liberdade lhe vem de sua razão, e sua afetividade ‘adere’ espontaneamente aos seus ditames” (La Taille, 1992, p.70).

Conforme já mencionado, o período da adolescência, em nossa sociedade ocidental, é o momento no qual o indivíduo é capaz de avaliar situações em função de seus objetivos para então empregar as ações necessárias. Estas ações servirão de guia para os adolescentes ingressar no mundo adulto.

1.4 Adolescência

A transição da adolescência para o ingresso em uma sociedade adulta apresenta, segundo Piaget (1954/2005), três aspectos característicos. Em primeiro lugar, o jovem começa a sentir-se como em igualdade com os adultos, imitando-os ou contrariando-os, colocando em prática a reciprocidade nas relações através de condutas de cooperação. Em segundo lugar, está presente a inserção no mundo do trabalho que até o momento era um mundo reservado aos adultos. Esta inserção pode ser relacionada a uma profissão ou então a projetos de vida que o adolescente ambiciona em relação ao seu futuro. Por fim, o adolescente tende a reformar o mundo que o rodeia. O desenvolvimento de suas estruturas mentais, agora em nível formal, lhe oportuniza a reflexão sobre as regras e principalmente sobre seu próprio pensamento permitindo que as mesmas possam ser alteradas, mesmo que somente no plano mental. Sendo assim, o adolescente é capaz de começar a construir teorias e sistemas (Piaget, 1955/1976).

Com a autonomia em desenvolvimento, com o entendimento da reciprocidade das relações, o adolescente é capaz de construir a sua própria escala de valores. Segundo Freitas (1999), é a partir da adolescência que irão ocorrer os vínculos com grupos mais amplos e o jovem também estará em contato com “... valores ideais, tais como a justiça, a solidariedade, a paz e a liberdade...”. (p.8).

O desenvolvimento da autonomia permite a construção de uma identidade que se relaciona com a formação de um conjunto de valores que irá nortear a vida adulta do adolescente e é constantemente influenciada por aspectos intrapessoais, interpessoais e culturais. Neste período, além de dar conta das mudanças biológicas e corporais, o jovem precisa lidar com questões que o aproximam do mundo adulto, como as novas demandas sociais, e é através do desenvolvimento da autonomia que ele pode refletir sobre suas decisões, as quais servirão de base para suas escolhas em um projeto de vida futuro.

Enquanto a identidade está em formação, o adolescente necessita de aprovação do grupo de pares para legitimar suas escolhas (Schoen-Ferreira & Aznar-Farias, 2003). Os vínculos com o grupo de pares permitem ao jovem estabelecer contato com outros contextos, realidades e ideologias, ampliando as referências de mundo do adolescente e ampliando as relações de

cooperação. A identidade parte de uma identificação que se traduz na forma de vestir, nos interesses em comum e nos comportamentos, que revelam os grupos por afinidades.

Contudo, o mundo pós-moderno oferece uma vasta amplitude de possibilidades que surgem e desaparecem com extrema velocidade, dificultando a escolha de modelos a seguir. Bauman (2011) comenta que a busca por identidade no mundo moderno estava relacionada com uma construção sólida e estável, cujo lema era a criação, enquanto que no mundo pós-moderno esta mesma busca se traduz em flexibilidade e abertura constante a novas opções, e seu lema tornou-se a reciclagem. Nestas muitas opções, com frequência, os valores materiais ganham *status* que permitem aos jovens experienciar um sentimento de pertença a determinado grupo (Cardoso, 2006). Segundo Dittmar e Pepper (1992), a sociedade constrói os significados dos bens materiais que passam a ser percebidos como símbolos de identidade.

O adolescente, por estar em um período de instabilidade, pode se tornar alvo de condutas consumistas que poderão refletir negativamente em sua vida adulta. A consolidação de uma escala pessoal de valores pautada puramente em valores materiais pode tornar frágeis os vínculos humanos, levando a situações de isolamento e solidão (Ang, Mansor, & Tan, 2014; Pieters, 2013).

1.5 Materialismo

No campo da psicologia, Kasser (2002) definiu o materialismo como a valorização da aquisição e do acúmulo de bens materiais além daquilo que seria necessário para atender as necessidades humanas básicas. Ainda segundo Kasser (e.g. 2002; 2005), pode-se aferir o quanto uma pessoa é materialista medindo o quanto ela valoriza: (a) a riqueza (obtenção e acúmulo de bens materiais), (b) a popularidade e (c) ser atraente (ter a imagem “certa”). Não existe consenso na literatura a respeito da origem da ênfase nos valores materiais, embora os estudiosos sobre o tema concordem que o crescimento desses valores está relacionado com o mundo industrial e pós-industrial (Belk, 1985). Pesquisadores definem materialismo como: (a) “a orientação ao consumo que reflete a importância que o consumidor vincula aos bens materiais” (Belk, 1984, p.291); (b) “um valor que guia as escolhas dos indivíduos e os conduz a uma variedade de situações, inclusive, mas não limitado, a áreas de consumo” (Richins & Dawson, 1992, p. 307); e (c) “a importância atribuída à posse e aquisição de bens materiais para alcançar os principais objetivos de vida e estados desejáveis” (Richins, 2004, p.210). Destas definições depreende-se que o materialismo pode ser visto como um valor relacionado ao consumo de bens que tem por finalidade, não somente a posse de um objeto particular, mas sim toda uma gama de objetivos e desejos que vêm junto com a aquisição do objeto.

Alguns autores referem que o materialismo “possui uma qualidade transcendental guiando ações, atitudes, julgamentos e comparações entre objetos específicos e situações e entre metas imediatas e objetivos a longo-prazo” (Rockeach, 1973, p. 18), ou “reflete a importância que as pessoas colocam nos bens e na sua aquisição como forma necessária ou desejável de conduta para atingir estados finais desejados, incluindo a felicidade” (Richins & Dawson, 1992, p. 307). A ênfase nos valores materiais pode refletir uma necessidade de ostentar, mostrar uma imagem com a finalidade de impressionar outros indivíduos em função de posses materiais (Mick, 1996).

Todavia, para alguns estudiosos, o materialismo possui aspectos tanto positivos quanto negativos, e não deve ser relacionado somente ao consumo excessivo e sentimentos hedonistas. Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton (1978) distinguiram dois tipos de materialismo: (a) instrumental e (b) terminal. Para esses autores, o primeiro caracteriza uma forma mais positiva, no qual a aquisição de bens materiais possui a finalidade de facilitar ou melhorar a qualidade de vida das pessoas, estando mais relacionado ao contexto. Por exemplo, a aquisição de um carro para facilitar ir ao trabalho, levar os filhos à escola e realizar viagens com a família. No segundo tipo, as metas se fixam nas aquisições, nas posses dos bens e não nos bens em si. Os bens materiais são utilizados como símbolo de sucesso, *status* e são muitas vezes usados para gerar admiração e inveja, donde surge seu caráter negativo. Aqui a aquisição de um carro está a serviço de demandas como status ou poder. Em alguns estudos realizados no Brasil, encontram-se também referências às diferenças entre materialismo instrumental e terminal (Garcia, 2009; Santos & Fernandes, 2011).

Embora o materialismo afete a população como um todo, alguns estudos indicam que há diferenças em determinados aspectos. Resultados de uma pesquisa realizada com adultos apontam para uma diferença entre gênero, sendo que os homens aparecem como mais materialistas e consumistas do que as mulheres, que aparecem como mais impulsivas em relação às compras (Segal & Podoshen, 2013). As diferenças entre homens e mulheres aparecem no tipo de produto adquirido e na expectativa que os compradores colocam na aquisição. Homens normalmente buscam itens caros e luxuosos, que reflitam independência e atividade, por exemplo, carros, instrumentos tecnológicos e roupas de grife. As mulheres costumam se envolver em mais compras de impulso, ligadas ao vestuário e estética, buscando assim se destacar através da aparência e de um estado emocional positivo (Dittmar, Beattie, & Friese, 1995). Kasser (2002) ressalta que os resultados dos estudos realizados com diferentes amostras (incluindo, principalmente, estudantes universitários e adultos) foram consistentes: “Quanto mais os valores materiais estão no centro de nossas vidas, mais a qualidade de nossa vida diminui” (p. 14).

No que diz respeito à faixa etária, crianças e adolescentes não são imunes ao materialismo. De acordo com Goldberg e colaboradores (2003), estratégias de marketing encontram nesse público um perfil de consumidores que sabem o que desejam e têm influência na hora das compras da família. Crianças e adolescentes despontam como a geração mais materialista e consumista da história, uma vez que eles recebem desde muito cedo mensagens, como comerciais de produtos, que colocam os valores materiais como os principais para uma vida feliz (Chaplin & John, 2007). Dittmar e Pepper (1994) indicaram que adolescentes percebem as posses materiais como diretamente relacionadas à inteligência, ao sucesso e até com bons relacionamentos. Esta crença no poder dos valores materiais é o que pode fazer com que adolescentes persigam um ideal materialista, segundo o qual os indivíduos são aceitos ou desprezados em função da quantidade de bens que possuem. Os adolescentes que tendem a internalizar mais os valores materiais sofrem com mais baixa estima e estresse (Chaplin & John, 2007; Kasser & Ahuvia, 2002). Goldberg e colaboradores (2003) encontraram uma correlação fraca e significativa entre o materialismo e a baixa performance escolar, apontando assim para prejuízos acadêmicos. Eren, Eroglu e Hacioglu (2012) verificaram a relação entre o materialismo e o comprar compulsivo em adolescentes onde os indivíduos, guiados por valores hedonistas, acreditam que nos objetos adquiridos está a felicidade. Uma vez comprados, porém, a sensação de felicidade é efêmera e logo outra compra é realizada em uma tentativa de resgatar a felicidade já então perdida.

O materialismo parece estar presente em toda a sociedade e, talvez, diferenças entre níveis socioeconômicos distintos relacionem-se mais aos valores dos itens desejados e não nos níveis de consumo dos mesmos. Estudo envolvendo a população jovem e a relação dos valores materiais em diferentes classes socioeconômicas não apontou diferenças significativas entre jovens de classe média e jovens de classe trabalhadora (Dittmar & Pepper, 1994). Em um estudo realizado no Brasil com escolares de baixa renda da cidade de Natal, Rio Grande do Norte, os resultados apontam os valores materiais como predominantes nas relações entre crianças, que buscam visibilidade e são valorizadas aos olhos dos pares em função dos objetos que portam: “As crianças vivem o mundo das visibilidades no qual, mais do que ter, é importante parecer: parecer ter, parecer ser” (Momo & Costa, 2010, p.976).

Ahuvia (2008) ressalta que hoje temos dados suficientes para acreditar que “o dinheiro não traz felicidade”, mas que este é um debate antigo e que ainda não está por terminar. Diversas pesquisas apontam para a mesma direção, indicando que a ideia de busca de prazer e satisfação de vida através dos valores materiais é efêmera (Belk, 1984; Kilbourne, Grünhaagen, & Foley, 2005; Richins, 1987; Richins, 1992; Richins & Dawson, 1992).

Os efeitos negativos do materialismo na vida dos jovens (Kasser, 2002; 2005) e as diferenças nos dados encontrados, até o momento, nas pesquisas sobre o desenvolvimento do materialismo (Achenreiner, 1997; Cardoso, 2006; Chaplin & John, 2007; Goldberg et al., 2003) estimulam a continuidade das investigações sobre este tema. Os pesquisadores têm destacado a importância de se realizarem estudos sobre o desenvolvimento do materialismo na infância e adolescência no âmbito acadêmico (e não apenas em pesquisas de mercado) e, especialmente, buscar explicações fundamentadas teoricamente para os resultados encontrados.

Nas últimas décadas várias escalas foram propostas para medir os níveis de materialismo (Belk, 1984; Moschis & Churchill, 1978; Richins & Dawson, 1992). Neste trabalho, utilizou-se a *Materialism Value Scale –Short Form* (Richins, 2004).

1.5.1 Mensuração do construto de materialismo

A escala de Richins e Dawson (1992) é uma escala bastante utilizada em estudos que examinaram a relação entre materialismo e satisfação de vida (Dawson & Bamossi, 1991; Kasser, 2002; Kretschmer & Pike, 2010; Piko, 2006; Sirgy et al., 1995; Ryan & Dziurawiec, 2001; Tsang, Carpenter, Roberts, Frisch, & Carlisle, 2014). Na década de 80, Richins (1987) conduziu um estudo que examinava as relações entre materialismo, mídia e satisfação de vida. Nesse estudo, o construto do materialismo foi avaliado através de uma medida bidimensional: (a) materialismo pessoal e (b) materialismo geral. Os resultados indicaram que a medida de materialismo pessoal apareceu como um construto mais rico para explicar as relações com os demais construtos estudados.

Partindo dos resultados obtidos com o estudo anterior, Richins e Dawson (1992) criaram a *Materialism Value Scale – MVS* (Escala de Valores Materiais - EVM) em função de que as escalas existentes não apresentavam bons níveis de fidedignidade, como a escala de Belk (1984), ou estarem muito distantes do cotidiano dos consumidores, como foi o caso da escala de Inglehart (1981). O construto materialismo é de complexa definição. Engloba tanto os valores materiais instrumentais quanto terminais e, em termos de pesquisa, muitas vezes torna-se uma tarefa árdua distinguir entre os dois tipos. Em face do exposto, quatro proposições guiaram a definição das dimensões a serem avaliadas na nova escala de materialismo de Richins e Dawson (1992): (a) pessoas materialistas valorizam mais bens materiais do que relacionamentos interpessoais; (b) algumas pessoas são egoístas, tendo dificuldade em dividir com outros, e apresentam mais interesses pessoais do que comunitários, sendo centradas em si; (c) objetivos de vida são de finalidade material e não estão conectados ao ambiente ou a um estilo de vida mais simples; e (d) pessoas materialistas tendem a ser mais insatisfeitas com a

vida, uma vez que as aquisições proporcionam uma felicidade efêmera, sendo logo suplantada por novos desejos.

As quatro proposições acima geraram itens que derivaram três fatores principais, obtidos a partir de análise fatorial exploratória. Assim sendo, a escala foi definida pelos fatores de: (a) centralidade nas aquisições, (b) aquisições como busca da felicidade e (c) sucesso definido pela posse de bens materiais. A escala final contou com 18 itens e indicou bons níveis de validade e fidedignidade, além de se mostrar uma boa medida da relação com satisfação de vida, sendo este um dos aspectos relevantes para as pesquisadoras.

Até os dias de hoje, essa é uma das escalas mais utilizadas mundialmente em pesquisas sobre o materialismo. Vários estudos contribuem com dados que corroboram a validade e fidedignidade em relação à medida do construto (Griffin, Babin, & Christensen, 2004; Kilbourne et al., 2005; Richins & Dawson, 1992). Anos depois, Richins (2004) propôs uma versão abreviada da mesma escala que apresentou bons critérios estatísticos e também passou a ser muito utilizada. A forma abreviada manteve os três fatores e apresentou somente redução no número de itens, sem apresentar perda de valor estatístico.

As medidas de materialismo também contribuíram com evidências entre materialismo e felicidade, indicando uma correlação inversamente proporcional entre os dois construtos (Belk, 1984; Kasser & Ryan, 1993; Richins & Dawson, 1992). Os resultados apontaram que indivíduos mais materialistas tendem a sentir menor satisfação de vida global e, principalmente, menor satisfação nos relacionamentos familiares e nas atividades de lazer.

A seguinte pergunta passou a ser investigada: por que os altos níveis de materialismo estão relacionados à pouca satisfação de vida dos indivíduos? A questão que se coloca é quando estas aquisições viram a fonte central de satisfação de vida, ao invés de serem coadjuvantes para uma vida melhor (Ahuvia & Wong, 1995; Atay, Sirgy, Cicic, & Husic, 2009; Kasser et. al., 2014; Ryan & Dziurawiec, 2000; Tsang et. al., 2014). Se pensarmos nas questões já mencionadas e levantadas por La Taille (2006) sobre que vida que queremos viver e quem queremos ser, a ênfase nos valores materiais parece restringir as ações de forma a atingir os objetivos para uma vida boa, uma vida na qual o indivíduo encontre satisfação, encontre sentido.

1.6 Satisfação de vida

Por muitas décadas algumas áreas da psicologia buscaram entender em profundidade os processos de adoecimento e infelicidade. Entretanto, no início do século XX iniciaram estudos científicos que tinham por base investigar o desenvolvimento humano em todo o ciclo vital. O foco dos estudos passou a ser investigar e compreender como os indivíduos se desenvolvem

desde o nascimento até a velhice, considerando aspectos físicos, cognitivos, psicossociais que sofrem influências de diversos contextos (Papalia, Olds & Feldman, 2006). Por volta da década de 1970, com o crescimento das ciências sociais e comportamentais, as pesquisas em psicologia começaram a investigar e desenvolver modelos teóricos com foco na felicidade e bem-estar dos indivíduos (Diener, 1984). Desde então diferentes abordagens vêm investigando aspectos relacionados a qualidade de vida dos indivíduos. Uma destas abordagens é denominada de bem-estar subjetivo.

Bem-estar subjetivo (BES) pode ser definido como “o grau em que uma pessoa avalia a qualidade geral de sua vida como um todo. Em outras palavras, o quanto uma pessoa gosta da vida que ela leva” (Veenhoven, 1996, p.6). O foco dos estudos sobre BES considera como e por que as pessoas experienciam sua vida de forma positiva e inclui julgamentos cognitivos e repostas emocionais a eventos vividos (Diener & Diener, 1995; Giacomoni, 2004). Diener (1984) propõe três categorias que compõe o BES. A primeira categoria envolve critérios externos que são tidos como desejáveis para um estado de felicidade. A segunda categoria trata da avaliação positiva que as pessoas fazem de sua vida, tendo sido chamada de satisfação de vida. A terceira categoria refere-se ao predomínio de afetos positivos sobre os negativos, indicando como as pessoas vivem estas emoções e estão suscetíveis a elas. O autor ainda aponta para três tópicos importantes nesta área: (a) a subjetividade: a avaliação reside nas experiências dos indivíduos; (b) eventos positivos: presença de avaliação positiva dos eventos de vida, o que não implica em ausência de eventos negativos; e (c) acesso global a todos os aspectos da vida da pessoa com ênfase no julgamento que as pessoas realizam sobre sua vida como um todo.

A categoria de satisfação de vida está associada com a felicidade e também com consequências positivas sobre aspectos pessoais, comportamentais e sociais dos indivíduos (Oberle, Schonert-Reichl & Zumbo, 2011). Estudos de BES com a população adulta revelam que manter níveis positivos de BES é vital para a adaptação dos indivíduos uma vez que proporciona maiores oportunidades de avanço social e pessoal e atua como preditor de resultados positivos em vários domínios da vida (Diener & Diener, 1995; Gilman & Huebner, 2003, Lyubomirsky, 2005).

Nas últimas décadas pesquisadores buscaram investigar os aspectos associados ao BES e a satisfação de vida em adolescentes (Gilman & Huebner, 2006; McCullough, Huebner, & Laughlin, 2000; Proctor, Linley, & Maltby, 2009; Proctor, Linley, & Maltby, 2010). Dimensões como a satisfação com a vida dos pais, autoestima, autoeficácia, bom relacionamento familiar e com o grupo de pares aparecem como correlacionados positivamente com altos índices de satisfação de vida (Ben-Zur, 2003; Lewis, Huebner, Malone, & Valois, 2011; Proctor, Linley, & Maltby, 2010). Variáveis demográficas como idade gênero,

inteligência e ocupação dos pais estão menos relacionadas à satisfação de vida na adolescência do que na idade adulta (Gilman & Huebner, 2003). Adolescentes tendem a reportar maiores níveis positivos de satisfação de vida frente a eventos positivos diários e não tanto a eventos maiores de vida (McCullough et al., 2000). Na adolescência níveis positivos de satisfação de vida podem ser fatores protetivos do desenvolvimento, reduzindo o envolvimento com uso ou abuso de drogas e comportamento violentos (McDonald, Piquero, Valois, & Zullig, 2005, Park, 2004).

Em uma revisão de literatura sobre o assunto Proctor, Linley, e Maltby (2009) apontaram uma correlação positiva entre comportamentos e hábitos saudáveis e a satisfação de vida de jovens. A revisão também aponta para a importância das metas e objetivos de vida como um fator de promoção de uma vida boa. Estudos indicam correlação positiva entre altos níveis de satisfação de vida e melhor desempenho escolar, maiores habilidades sociais, melhores relacionamentos interpessoais e melhor saúde mental, assim como correlação positiva entre baixos índices de satisfação de vida com altos níveis de estresse, problemas e distúrbios psicológicos, menos gratidão e menor autoestima (Gilman & Huebner, 2006; Oberle, Schonert-Reichl & Zumbo, 2011; Park, 2004; Proctor, Linley, & Maltby, 2009; Proctor, Linley, & Maltby, 2010).

Kasser (2002) baseou-se em teorias e pesquisas em psicologia para definir quatro conjuntos de necessidades fisiológicas e psicológicas básicas que influenciam na motivação, funcionamento e bem-estar dos seres humanos. No primeiro grupo, estão as necessidades que são essenciais para a vida, tais como segurança, proteção e sustento. O segundo grupo envolve o sentimento de competência e estima, relacionados à sensação de sermos capazes de realizar algo e perceber mais aspectos positivos do que negativos em nossa vida. No terceiro grupo, estão as relações interpessoais permeadas por sentimentos de intimidade e laços de proximidade. Por fim, no quarto grupo, estão as necessidades de autonomia e engajamento. De acordo com o autor, a literatura indica que quando esse conjunto de fatores é satisfeito existe uma correlação positiva com bem-estar e qualidade de vida. Entretanto, a não satisfação destas necessidades básicas pode levar a uma extremada valorização de bens materiais como forma de compensação para atingir um estado de felicidade, ainda que efêmero (Kasser, 2002).

Em nossa sociedade, a imagem de uma vida boa, muitas vezes, está conectada a questões materiais. Por exemplo, possuir um emprego melhor, uma casa maior, um carro mais potente, viajar para o exterior, comprar roupas de marcas famosas, adquirir o mais recente modelo de aparelho celular, televisão ou computador, enfim, uma lista que pode não ter fim. Alguns aspectos parecem ser mais afetados pelo materialismo extremo. Dentre estes, encontramos a busca de satisfação de vida através da aquisição de posses materiais, a manutenção de

relacionamentos intermediados pelos aspectos econômicos como o presentear excessivo e a manutenção de uma forma hedonista de viver (Richins, 1987; Richins & Dawson, 1992; Ryan & Dziurawiec, 2001; Sirgy, 1998).

A literatura indica que o apreço desmedido por valores materiais aponta para baixos níveis de satisfação de vida, sendo que quanto mais materialistas são os indivíduos, menos satisfeitos com suas vidas estarão (Ahuvia, 2008; Ahuvia & Wong, 1995; Atay et al., 2009; Kasser, 2002; Ryan & Dziurawiec, 2001; Van Boven, 2005). Estudos realizados com a população adolescente também têm indicado esta correlação negativa entre o materialismo excessivo e satisfação de vida (Hudson, 2013; Manolis & Roberts, 2012; Piko, 2006).

Em uma meta-análise Dittmar, Bond, Hurst e Kasser (2014), analisaram a correlação entre materialismo e satisfação de vida em 259 amostras de um total de 175 estudos. A maior parte dos estudos avaliados foram publicados após o ano 2000. Este dado aponta que esta é uma área relativamente nova de pesquisa que tem crescido nas últimas décadas. Além disso, a maioria dos estudos foi correlacional com uso de questionários e com amostra média de 200 participantes. Em relação aos resultados, os autores constataram a presença de correlação negativa entre materialismo e satisfação de vida em todos os estudos. Contudo, as correlações encontradas sempre foram fracas ou moderadas.

1.6.1 Mensuração do construto de satisfação de vida

Nas últimas décadas vêm crescendo o número de instrumentos desenvolvidos com a finalidade de investigar a satisfação de vida nos indivíduos. Os instrumentos de medidas de satisfação de vida podem ser unidimensionais ou multidimensionais. Os unidimensionais referem-se à satisfação de vida de uma forma global, ou seja, como os indivíduos avaliam sua vida como um todo (Diener, Emmons, Larsen & Griffin, 1985). As medidas multidimensionais trabalham sobre domínios específicos como família, trabalho e lazer (Evans, Burns, Robinson, & Garret, 1985; Frisch, Cornell, Villanueva & Retzlaff, 1992; Segabinazi et al, 2010). Em relação às populações infantil e adolescente, existem poucos instrumentos de medidas desenvolvidos para investigar a satisfação de vida nesta fase do desenvolvimento. Giacomoni (2004) refere que a literatura aponta três escalas para avaliação de crianças: a Escala de Satisfação de Vida Percebida, a Escala de Satisfação de Vida de Estudantes, além de escalas para avaliar qualidade de vida infantil.

No contexto brasileiro algumas escalas têm sido adaptadas e validadas para medir satisfação de vida e seus correlatos em crianças e adolescentes. Destaca-se a Escala de Afeto Positivo e Negativo Para Crianças (Giacomoni & Hutz, 2006), a Escala Multidimensional de Satisfação de Vida Para Crianças (Giacomoni & Hutz, 2008), a Escala Multidimensional de

Satisfação de Vida Para Adolescentes (Segabinazi et. al., 2010) e a Escala de Afeto Positivo e Negativo Para Adolescentes (Segabinazi et. al., 2012).

Neste trabalho, utilizou-se a Escala Multidimensional de Satisfação de Vida Para Adolescentes (Segabinazi et. al., 2010). A escala apresentou boas qualidades psicométricas, indicando evidências de validade, revelando ser um instrumento importante para a avaliação da satisfação de vida na adolescência.

No ano de 2010, a Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Adolescentes foi desenvolvida e validada no Brasil (Segabinazi et al., 2010). A partir de um estudo qualitativo realizado com 95 adolescentes sobre os conceitos de felicidade, os autores encontraram onze categorias: *self*, *self* comparado, não-violência, família, amizade, escola, altruísmo, autonomia, lazer, satisfação e satisfação das necessidades materiais e de desejo. As seis primeiras categorias encontradas são similares aos fatores da Escala Multidimensional de Satisfação de Vida Infantil - EMSVI (Giacomoni & Hutz, 2008). As outras cinco categorias apareceram como específicas da adolescência (Giacomoni, et. al., 2005).

Inicialmente foram construídos 84 itens e então submetidos a dois psicólogos com experiência nas áreas de avaliação, construção de instrumentos e adolescência. As alterações sugeridas foram implantadas. O instrumento foi submetido a dois grupos de três adolescentes com a finalidade de avaliar a compreensão dos itens descritos. Após o preenchimento dos instrumentos e de uma discussão acerca das dificuldades em determinados itens, foram realizadas novas reformulações.

A nova versão obtida contava com 84 itens correspondentes às onze categorias a serem avaliadas. O instrumento foi aplicado coletivamente em uma amostra de 425 adolescentes de escolas públicas e privadas da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. O resultado da análise dos dados indicou novas alterações a serem realizadas na escala.

A categoria Saúde foi eliminada por apresentar baixo nível de validade interna. As categorias Lazer, Autonomia e Satisfação das Necessidades Materiais e de Desejo foram agrupadas em um novo fator, Autoeficácia, em função das características semânticas dos itens. Alguns itens foram eliminados por não apresentarem carga suficiente (superior a 0,30). A versão final manteve 52 itens, divididos entre 7 componentes: Família, *Self*, Escola, *Self* comparado, Não-violência, Autoeficácia e Amizade. A escala se mostrou um bom instrumento de medida, com bons índices de validade e fidedignidade.

1.7 Justificativa e Objetivos da Pesquisa

Os valores materiais integram, juntamente com os valores normativos e os valores virtuais (Piaget, 1965/1973), a escala pessoal de valores por meio da qual o indivíduo guia suas

ações em direção aos seus objetivos. O valor consiste em um investimento afetivo que move a ação em uma determinada direção (Freitas, 2003; La Taille, 2009; Menin et. al., 2013; Piaget, 1954). O indivíduo autônomo capaz de autorregulação graças à vontade é capaz de criar sua escala pessoal de valores, que serve como indicativo ao indivíduo em que consiste seu dever (Camino, Paz, & Luna, 2009). Compreender a relação que os adolescentes estabelecem com os valores materiais pode auxiliar no entendimento da consolidação dos sistemas de valores dos jovens na atualidade e contribuir com intervenções que venham minimizar os efeitos de um extremo materialismo. Para isso, é importante investigar como os níveis de materialismo e de satisfação de vida impactam na vida dos jovens.

Diversos estudos têm sido realizados para compreender como o materialismo impacta a vida dos indivíduos, visando: (a) conhecer se é possível falar de materialismo positivo ou negativo; (b) medir os níveis de materialismo e a relação que as pessoas estabelecem com os valores materiais; (c) refletir sobre as transformações sociais decorrentes da valorização excessiva de bens materiais (Belk, 1984; Belk, Ger, & Askegaard, 1996; Csikszentmihalyi & Rochberg-Halton, 1998; Richins & Dawson, 1994).

Vários instrumentos foram criados para investigar essas questões e alguns destes consolidaram-se através dos anos. Os valores materiais não parecem afetar somente a população adulta. Todavia grande parte dos estudos sobre o materialismo foi realizada com adultos (Ahuvia, 2008; Ahuvia & Wong, 1995; Belk, 1985; Christopher, Morgan, Marek, Keller, & Drummond, 2005; Richins, 1992; Richins & Dawson, 1994; Van Boven, 2005).

Embora não haja um consenso na literatura em relação ao desenvolvimento de hábitos materialistas ao longo da infância e adolescência, sabemos que estes hábitos estão presentes e representam uma parte influente na formação de uma escala pessoal de valores (Chaplin & John, 2007; Goldberg et al., 2003). Considerando que a literatura enfatiza que existe uma relação inversamente proporcional entre o materialismo e a satisfação de vida, é fundamental poder avaliar estes quesitos em adolescentes. Todavia, não foram encontrados estudos que buscam avaliar a relação entre materialismo e na satisfação de vida em adolescentes, principalmente no Brasil. Conhecer de forma mais abrangente os níveis de materialismo pode vir a colaborar com uma melhora na qualidade de vida das gerações futuras.

Este estudo visa contribuir para que se compreenda por que os adolescentes que dão grande importância aos valores materiais tendem a se sentir menos satisfeitos com suas vidas. Mais especificamente, os objetivos desta pesquisa foram: (a) traduzir e verificar a confiabilidade da Escala de Valores Materiais para posterior validação da mesma para o português, (b) investigar os níveis de materialismo em adolescentes de escolas públicas e privadas de Porto Alegre – RS, e (c) examinar a relação entre os níveis de materialismo e de

satisfação de vida nesses adolescentes. As hipóteses levantadas foram as seguintes: (a) há diferença nos níveis de materialismo entre os sexos, sendo que os meninos tendem a ser mais materialistas que as meninas, (b) há diferença nos níveis de materialismo nas diferentes idades estudadas: quanto maior a idade, menores os níveis de materialismo, (c) os níveis de materialismo não diferem entre os adolescentes que frequentam escolas públicas e aqueles que frequentam escolas privadas, e (d) há uma correlação inversamente proporcional entre os níveis de materialismo e de satisfação de vida na amostra investigada.

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1 Participantes

Participaram deste estudo 128 adolescentes, de 11 a 18 anos (média de idade = 13,80; desvio padrão = 1,74), sendo 34 do sexo masculino e 94 do sexo feminino. Os participantes cursavam entre a 5ª série do ensino fundamental e o 3º ano do ensino médio, em escolas de Porto Alegre. A composição da amostra foi feita por conveniência, em 2 escolas públicas e 1 escola particular de Porto Alegre: 75,8 % dos participantes eram de escola pública e 24,2% de escola particular. A Tabela 1 mostra a distribuição dos participantes em função da idade.

Tabela 1.

Frequência e porcentagem dos participantes nas diferentes idades

| Idade | Frequência | Porcentagem |
|-------|------------|-------------|
| 11 | 15 | 11,7 |
| 12 | 17 | 13,3 |
| 13 | 22 | 17,2 |
| 14 | 29 | 22,7 |
| 15 | 25 | 19,5 |
| 16 | 11 | 8,6 |
| 17 | 7 | 5,5 |
| 18 | 2 | 1,6 |
| Total | 128 | 100 |

2.2 Instrumentos

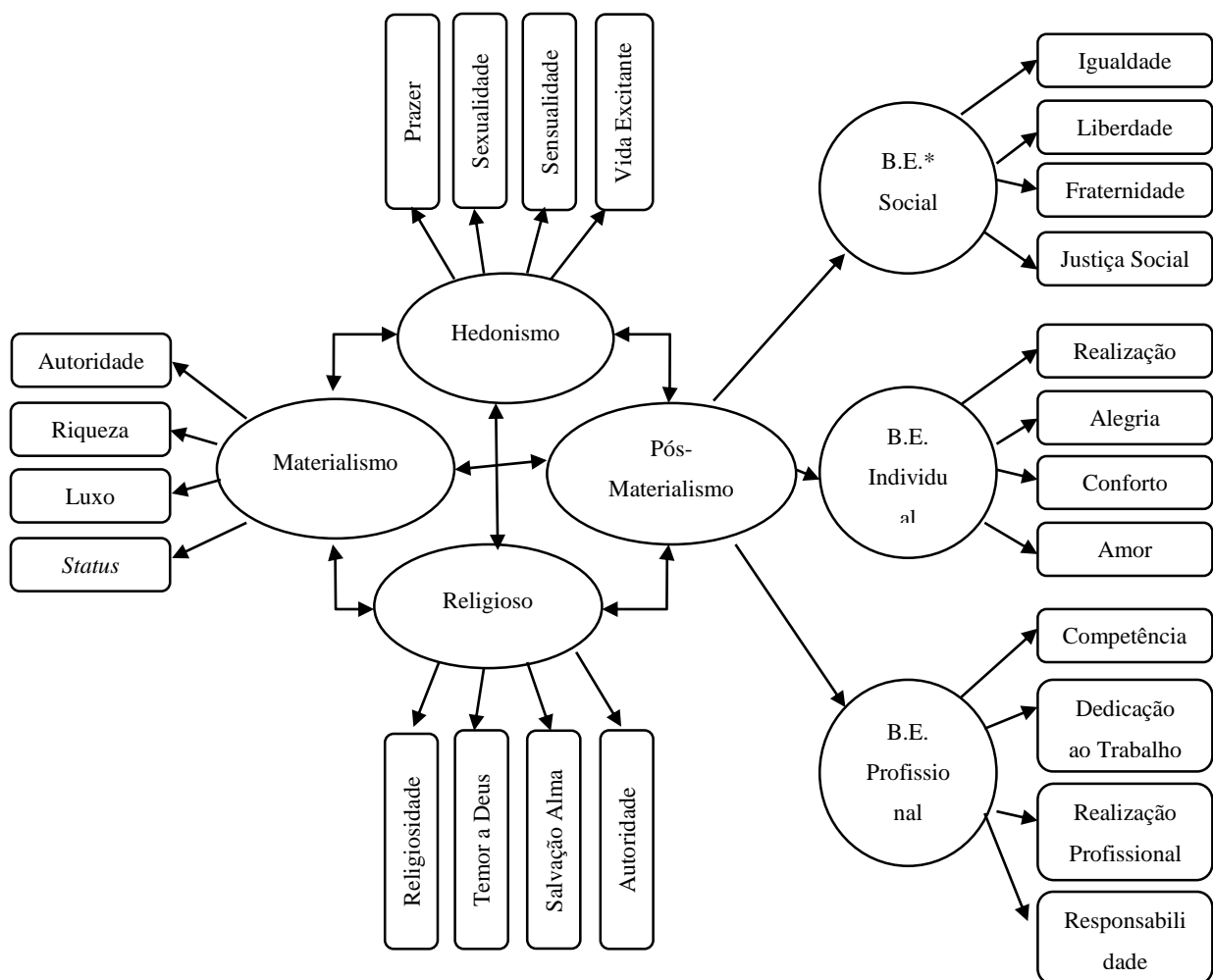
1. Ficha de Dados Sóciodemográficos: Esta ficha criada a partir do critério Brasil, tem a finalidade de coletar informações sobre o participante e seus pais. Este instrumento tem como função estimar o poder de compra familiar e determinar as classes econômicas das famílias envolvidas na pesquisa. (Anexo D)

2. Escala de Valores Materiais – Versão reduzida (tradução de *Materialism Value Scale - Short Form*) (Richins, 2004): Realizou-se a tradução para português da escala original abreviada que conta com doze itens para mensurar os níveis de materialismo. Os itens são respondidos de acordo com uma escala *Likert* de cinco pontos que varia entre “discordo totalmente” até “concordo totalmente”. A escala avalia três fatores: a) Sucesso: representa o quanto as posses materiais funcionam como indicador de uma vida de sucesso; b) Centralidade:

está relacionada a importância que os indivíduos colocam na aquisição de posses materiais; e c) Felicidade: refere-se à percepção dos indivíduos de que a felicidade está extremamente relacionada com a aquisição de posses materiais. (Anexo E)

3. Escala Multidimensional de Satisfação de Vida em Adolescentes – EMSV-A (Segabinazi et al., 2010): Esta escala é composta por 52 itens e visa à medida do nível de satisfação de vida em adolescentes. Os itens são respondidos de acordo com uma escala *Likert* de cinco pontos que varia entre “nem um pouco” até “muitíssimo”. Os itens são divididos em sete componentes: (a) Família: descrevem o nível de satisfação com o ambiente e as relações familiares; (b) *Self*: refletem as características positivas dos adolescentes em relação às suas capacidades de realização, afeto, relacionamentos e diversão; (c) Escola: destacam a importância da escola e do ambiente escolar na vida dos adolescentes; (d) *Self* Comparado: descrevem a avaliação que o adolescente faz de si em relação ao grupo de pares; (e) Não violência: itens relacionados à disposição do adolescente de não se envolver em brigas e comportamentos violentos; (f) Autoeficácia: refletem as competências dos adolescentes em relação às suas metas e realizações; e g) Amizade: relatam a qualidade da relação com o grupo de pares. (Anexo F)

4. Questionário de Valores Psicossociais – QVP-24 (Pereira, Camino, & Costa, 2004): Instrumento composto por 24 valores que visam avaliar quatro grupos de valores: materialista, hedonista, religioso, pós-materialista. O instrumento foi desenvolvido a partir do modelo de valores de Schwartz (1992, 2012) que resultou em um modelo psicossocial formado por quatro construtos e 24 variáveis (Figura 2). O construto de materialismo engloba as variáveis de autoridade, riqueza, luxo e status. (Anexo G)



*B.E.: Bem-estar

Figura 2. Estrutura e conteúdo dos sistemas de valores (Pereira et al., 2004, p. 507)

2.3 Delineamento e Procedimentos

Este é um estudo de levantamento do tipo correlacional com delineamento transversal (Cozby, 2003; Shaughnessy, Zechmeister, & Zechmeister, 2012). Inicialmente foi solicitada a permissão da Dra. Martha Richins para a tradução e utilização da Escala de Valores Materiais – Versão Reduzida (Richins, 2004). Após a autorização da autora a escala foi traduzida do inglês para o português por duas pessoas fluentes em ambas as línguas. Após a tradução, os itens foram apresentados a algumas crianças de 10 anos de idade, estudantes de uma escola pública de Porto Alegre, para verificar a compreensão dos mesmos. Constatado o entendimento dos itens pelas crianças, os mesmos foram mantidos. Foi realizada uma tradução de volta para a língua inglesa por outras duas pessoas fluentes em ambas as línguas e a escala final se manteve fiel à escala original.

No mês de março de 2014 a pesquisadora entrou em contato com cinco escolas particulares e seis escolas públicas para convidá-las a participar da pesquisa. Deste total,

somente uma escola particular e duas escolas públicas aceitaram participar. Vale comentar que esse ano em nosso país foi atípico. Em função da realização dos jogos da copa do mundo de futebol ocorrer no Brasil, os calendários escolares já contavam com inúmeras alterações. As negativas recebidas de todas as escolas foram em função deste evento. As escolas foram escolhidas por conveniência. Às escolas participantes foi apresentado o projeto assim como o termo de autorização da escola (Anexo A), o termo de consentimento livre e esclarecido para pais e responsáveis (Anexo B), o termo de assentimento para adolescentes (Anexo C) e os instrumentos a serem utilizados.

Após a autorização das escolas teve início a coleta de dados. Na escola particular os questionários não puderam ser aplicados em sala de aula, por solicitação da direção. Sendo assim, os alunos receberam o material com os termos e instrumentos para responder em casa. De um total de 999 termos entregues, retornaram 31. Nas escolas públicas o procedimento foi diferente. A pesquisadora passou em todas as turmas para entrega dos termos e retornou em datas predefinidas para o recolhimento dos mesmos. Foi marcada então a data da coleta e as escolas disponibilizaram uma sala para que a pesquisa pudesse ser realizada na escola e os participantes eram chamados em suas turmas de forma a não prejudicar os demais colegas que estavam em sala de aula e que não participariam da pesquisa. O número total de termos entregues em escolas públicas foi de 681 sendo que 97 termos retornaram, perfazendo um total de 128 termos.

2.4 Análise dos dados

Realizou-se a análise dos dados através do uso do pacote estatístico SPSS versão 20. Primeiramente realizou-se a análise de confiabilidade da EVM com a finalidade de confirmar se os itens traduzidos medem os mesmos construtos da escala original. Além disso, utilizou-se uma análise de correlação entre a EVM e o QVP, a fim de constatar a relação dos fatores da EVM com o fator de materialismo do QVP.

Para testar as três primeiras hipóteses, as quais dizem respeito às diferenças nos níveis de materialismo entre sexos, grupos etários e tipos de escola, realizou-se comparação de médias através do Teste *t* de *Student* para amostras independentes. Esta análise permite comparar as diferenças de médias encontradas em cada grupo e verificar a presença ou ausência de relação com os níveis de materialismo (Field, 2009). Para testar a hipótese da presença de correlação inversamente proporcional entre satisfação de vida e materialismo, foi realizada a análise de correlação de *Pearson*. (Field, 2009).

2.5 Considerações éticas

Os princípios éticos da pesquisa foram criados a fim de resguardar os direitos de bem-estar e dignidade dos participantes. Conforme esta orientação, o estudo em questão seguiu as diretrizes e normas da Resolução número 466/2012 do Ministério da Saúde, bem como a Resolução n.016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, que trata dos mesmos aspectos anteriormente citados, atentando para sua observação.

Para que tais fundamentos fossem verificados neste estudo, este projeto de pesquisa foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (protocolo de pesquisa 2013/660) com a subsequente aprovação. Foi solicitada a cada escola participante a autorização da direção para a realização da pesquisa (Anexo A), a qual foi devidamente armazenada. Somente participaram deste estudo aqueles adolescentes maiores de 18 anos ou cujos pais ou responsáveis legais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B). Os participantes menores de 18 anos também foram convidados a assinar o Termo de Assentimento (Anexo C). A forma de apresentação deste projeto foi combinada com as escolas, com os participantes e seus pais ou responsáveis legais, de maneira que o conteúdo do projeto foi transmitido claramente e foi assegurado aos participantes o direito de escolher participar ou não deste estudo, bem como de se retirar deste a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou penalização. As perguntas dos instrumentos de coleta de dados desta pesquisa foram elaboradas de maneira a não causar desconfortos ou riscos mínimos aos participantes, ou seja, não eram previstos desconfortos ou riscos maiores do que aqueles que aconteceriam se estivessem sendo questionados por pessoas que fazem parte cotidianamente de suas vidas. Após a finalização desta pesquisa, será feita uma devolução dos achados às escolas participantes.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Este capítulo está dividido em três seções. Na primeira seção, apresentam-se os dados de configuração amostral. Na segunda seção, expõem-se os resultados das análises realizadas sobre a Escala de Valores Materiais – Forma Reduzida. Por se tratar de uma escala que ainda não conta com uma versão brasileira realizaram-se análises para avaliar a confiabilidade dos itens traduzidos. Na terceira seção descrevem-se os resultados referentes às escalas de materialismo e de satisfação de vida.

Finalmente, apresentam-se os resultados relativos às quatro hipóteses do estudo: (a) há diferença nos níveis de materialismo entre os sexos, sendo que os meninos tendem a ser mais materialistas que as meninas; (b) há diferença nos níveis de materialismo nas diferentes idades estudadas: quanto maior a idade, menores os níveis de materialismo; (c) os níveis de materialismo não diferem entre os adolescentes que frequentam escolas públicas e aqueles que frequentam escolas privadas; e (d) há uma correlação inversamente proporcional entre os níveis de materialismo e de satisfação de vida na amostra investigada.

3.1 Configuração da amostra

Para efeitos de análise, dividiram-se os participantes em dois grupos etários (Tabela 2): (a) Grupo 1: participantes entre 11 e 14 anos de idade e (b) Grupo 2: participantes entre 15 e 18 anos de idade. Esta divisão está de acordo com a proposta do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef, 2011) o qual considera a adolescência como apresentando dois momentos distintos. O primeiro, entre 10 e 14 anos de idade, concentram-se as maiores mudanças físicas e transformações cognitivas que irão preparar o indivíduo para uma transição onde iniciará seu envolvimento em papéis adultos. O segundo momento, dos 15 aos 19 anos de idade, as alterações físicas são menores e a influência do grupo de pares, ainda que importantes, diminui à medida que o adolescente adquire maior clareza e confiança em sua própria identidade e em suas opiniões.

Tabela 2.

Distribuição de participantes por grupo etário

| Grupos Etários | Frequência | Percentual |
|-----------------------|-------------------|-------------------|
| 11 a 14 anos | 83 | 64,8 |
| 15 a 18 anos | 45 | 35,2 |
| Total | 128 | 100,00 |

Calculou-se o poder da amostra por sexo, grupo etário e tipo de escola. O resultado do poder da amostra por grupo etário e por tipo de escola foi considerado bom com valores acima de 90%. Entretanto, na amostra dividida por sexo dos participantes, o poder ficou em 31,33%.

Calculou-se a média diária de horas de exposição à televisão, média diária de horas de acesso à internet e a média do grau de instrução do chefe de família. Segundo a literatura sobre o assunto (Blásquez & Bonás, 2013; Chaplin & John, 2007; Chia, 2010), estas variáveis estão relacionadas aos níveis de consumo: quanto maior a exposição à televisão e à internet, maiores os níveis de materialismo. O nível de instrução dos pais também aparece como uma variável que pode influenciar no materialismo: pais com menores níveis de instrução estão relacionados ao aumento do materialismo nos filhos (Flouri, 2004). Dividiu-se a amostra em escolas públicas e privadas, tendo-se constatado diferenças significativas entre as médias de exposição à televisão e entre as médias de instrução do chefe de família. Os participantes de escola pública apresentam maiores médias de exposição à televisão ($p < 0,001$) e seus pais apresentam menores médias de instrução formal ($p < 0,001$) em relação aos participantes de escolas privadas. A quantidade de horas de utilização da internet, apesar de apresentar médias mais altas nos estudantes de escola pública, não mostrou diferença significativa com os estudantes de escola privada. (Tabela 3).

Tabela 3.

Média diária de horas que assiste televisão e utiliza internet e grau de instrução do chefe da família

| | Escola Pública | | Escola Privada | |
|--------------------------------|----------------|------|----------------|------|
| | Média | DP | Média | DP |
| Horas TV | 3,47 | 1,65 | 2,16 | 1,63 |
| Horas Internet | 3,38 | 1,69 | 3,13 | 1,38 |
| Instrução Chefe Família | 3,25 | 2,00 | 5,90 | 3,41 |

Nota: Horas TV: entre zero e três horas ou mais; Horas Internet: entre zero e três horas ou mais; Instrução Chefe Família: 3,25 corresponde a Ensino Médio Incompleto e 5,90 corresponde a Ensino Médio Completo; DP: Desvio Padrão

3.2 Estatísticas sobre a Escala de Valores Materiais (EVM)

A Escala de Valores Materiais foi traduzida do inglês para o português para a realização deste estudo. Em função disto realizou-se, primeiramente, uma análise de validade interna e, posteriormente, verificou-se a correlação entre os fatores da EVM e o fator de materialismo do Questionário de Valores Psicossociais. Por fim, verificou-se a correlação entre os três fatores da EVM, Sucesso, Centralidade e Felicidade.

3.2.1 Avaliação de validade interna da Escala de Valores Materiais (EVM)

Para verificar a validade interna da escala, ou seja, garantir que a Escala de Valores Materiais (EVM) reflete o construto de materialismo, utilizou-se o índice de Alfa de *Cronbach* (Tabela 4). O Alfa de *Cronbach* para a escala como um todo foi de 0,809. Dentre os doze itens da escala, somente o item número 2 (As coisas que eu possuo dizem muito sobre o quão bem estou indo na vida) apresentou Alfa de *Cronbach* superior ao da escala como um todo, sugerindo o valor de 0,811 para validade interna da escala se o mesmo fosse excluído.

Tabela 4.

Validade interna da Escala de Valores Materiais

| Item | Descrição | Média | DP | Alfa de <i>Cronbach</i> se o item for removido da escala ^a |
|------|--|-------|------|---|
| 1 | Eu admiro pessoas que possuem casas, carros e roupas caras. | 2,41 | 1,23 | 0,791 |
| 2 | As coisas que eu possuo dizem muito sobre o quão bem estou indo na vida. | 2,67 | 1,17 | 0,811 |
| 3 | Eu gosto de ter coisas que impressionem as pessoas. | 2,47 | 1,44 | 0,795 |
| 4 | Eu não presto muita atenção aos objetos materiais que as outras pessoas possuem. | 2,98 | 1,22 | 0,808 |
| 5 | Eu geralmente compro apenas as coisas de que necessito. | 2,80 | 1,51 | 0,806 |
| 6 | Eu tento manter minha vida simples, na medida em que disponho de coisas. | 2,73 | 1,13 | 0,795 |
| 7 | Eu gosto de gastar dinheiro em coisas que não são essenciais. | 2,46 | 1,31 | 0,790 |
| 8 | Comprar coisas me dá muito prazer. | 3,22 | 1,39 | 0,787 |
| 9 | Eu gosto muito de luxos na minha vida. | 2,55 | 1,39 | 0,773 |
| 10 | Minha vida poderia ser melhor se eu possuísse certas coisas que não tenho. | 2,69 | 1,39 | 0,792 |
| 11 | Eu seria mais feliz se eu pudesse comprar mais coisas. | 2,43 | 1,42 | 0,788 |
| 12 | Às vezes me incomoda um pouco eu não poder comprar todas as coisas de que eu gostaria. | 3,31 | 1,36 | 0,800 |

Nota: DP: Desvio-Padrão

(^a) O coeficiente Alfa de *Cronbach* para a escala como um todo foi de 0,809

3.2.2 Análise de correlação entre as escalas Escala de Valores Materiais (EVM) e do questionário de Valores Psicossociais (QVP)

Após realizar o teste de confiabilidade da escala EVM traduzida, realizou-se uma análise de correlação (r de Pearson) da mesma com o Questionário de Valores Psicossociais (QVP). A justificativa para a realização deste teste estatístico se deu em função do QVP-24 ser

um instrumento validado para o Brasil e apresentar uma dimensão de materialismo como um dos seus construtos. O nível de confiabilidade da QVP-24 também é elevado, apresentando índices de fidedignidade entre 0,70 e 0,92 (Média = 0,82; DP = 0,06) (Pereira et. al., 2004).

Calculou-se a correlação de Pearson entre as duas escalas. O resultado aponta para correlação significativa entre cada fator da EVM com a dimensão de materialismo do QVP. O fator Sucesso e o fator Centralidade apresentaram correlações moderadas com Materialismo (QVP). O fator Felicidade teve correlação fraca com o Materialismo (QVP). Os resultados da correlação entre as escalas são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5.

Análise de correlação entre os fatores da Escala de Valores Materiais e o fator Materialismo do Questionário de Valores Psicossociais

| | QVP Materialismo | I.C. 95% | |
|-------------------------|------------------|----------|----------|
| | | Inferior | Superior |
| EVM Sucesso | 0,317** | 0,151 | 0,466 |
| EVM Centralidade | 0,345** | 0,182 | 0,490 |
| EVM Felicidade | 0,254* | 0,077 | 0,405 |

Nota: I.C.: Intervalo de Confiança ** .p < 0,001 * .p < 0,05

3.2.3 Análise de correlação entre fatores da Escala de Valores Materiais (EVM)

Realizou-se uma análise para verificar a correlação entre os fatores Sucesso, Centralidade e Felicidade (Tabela 6). O resultado indicou correlação moderada significativa entre os fatores Sucesso e Centralidade, correlação moderada significativa entre os fatores Sucesso e Felicidade e correlação fraca e significativa entre os fatores Centralidade e Felicidade.

Tabela 6.

Análise da correlação de Pearson entre os fatores Sucesso, Centralidade e Felicidade da Escala de Valores Materiais

| | Sucesso | Centralidade | Felicidade |
|---------------------|---------|--------------|------------|
| Sucesso | 1 | ,454** | ,429** |
| Centralidade | ,454** | 1 | ,296** |
| Felicidade | ,429** | ,296** | 1 |

** .p < 0.001

3.3 Resultados das escalas de materialismo e satisfação de vida

Nesta seção, apresentam-se os resultados encontrados da Escala de Valores Materiais, a fim de verificar a média de materialismo apresentada pela amostra. A seguir, relatam-se os resultados dos testes das três primeiras hipóteses, relativas à escala de materialismo.

Posteriormente, descrevem-se os resultados da amostra em relação à escala de satisfação de vida. O conhecimento das médias relatadas nesta escala pelos participantes auxilia no entendimento da correlação com o materialismo. Por fim, apresentam-se os dados relativos à quarta e última hipótese do estudo que diz respeito à relação entre os escores de materialismo e satisfação de vida na amostra investigada.

3.3.1 Escala de Valores Materiais

Os resultados obtidos para a Escala de Valores Materiais apontam para uma média de 32,59 (DP = 9,00) com escores entre 13 e 59. A Tabela 7 mostra as médias, desvios e intervalos de confiança para os escores de materialismo total e também para cada uma das subescalas.

Tabela 7.

Resultados da Escala de Valores Materiais

| | Média | DP | I.C. 95% | |
|---------------------|-------|------|----------|-------|
| | | | Inf. | Sup. |
| EVM Total | 32,59 | 9,00 | 31,27 | 33,90 |
| Sucesso | 10,41 | 3,32 | 9,79 | 11,02 |
| Centralidade | 13,80 | 4,96 | 12,93 | 14,66 |
| Felicidade | 8,40 | 3,43 | 7,80 | 9,00 |

Nota: EVM: Escala de Valores Materiais; DP: Desvio-Padrão da Média; I.C.: Intervalo de Confiança;

Os resultados encontrados foram separados em quartis (Tabela 8). O quartil inferior representa os indivíduos com baixos níveis de materialismo (28,91% da amostra) e o quartil superior indica os participantes com altos níveis de materialismo (26,56% da amostra).

Tabela 8.

Distribuição de Escores da Escala de Valores Materiais em Percentis

| | Sucesso | Centralidade | Felicidade | EVM Total |
|----------------|---------|--------------|------------|-----------|
| Quartis | | | | |
| Inferior | 8,00 | 10,00 | 6,00 | 27,00 |
| Médio | 10,00 | 13,00 | 8,00 | 31,00 |
| Superior | 13,00 | 18,00 | 11,00 | 39,00 |

O fator Sucesso foi medido através das seguintes afirmações: (a) Eu admiro pessoas que possuem casas, carros e roupas caras; (b) As coisas que eu possuo dizem muito sobre o quão bem estou indo na vida; (c) Eu gosto de ter coisas impressionem as pessoas; e (d) Eu não presto muita atenção aos objetos materiais que as outras pessoas possuem. A média em Sucesso foi de 10,41 (DP = 3,32). Os escores variaram entre 4 e 19, sendo o percentual de participantes com altos níveis de materialismo foi de 26,56% (Média igual ou superior a 13 pontos).

O fator Centralidade contou como medida com as seguintes assertivas: (a) Eu geralmente compro apenas as coisas que necessito; (b) Eu tento manter minha vida simples, na medida que disponho de coisas; (c) Eu gosto de gastar dinheiro em coisas que não são essenciais; (d) Comprar coisas me dá muito prazer; e (e) Eu gosto muito de luxos na minha vida. A média das respostas foi de 13,80 (DP = 4,96) com escores variando entre 5 e 25 pontos. Os valores para participantes com altos níveis de materialismo representam um percentual de 25,78% (Média igual ou superior a 18 pontos).

Por fim, a subescala Felicidade foi medida através de três itens, a saber: (a) Minha vida poderia ser melhor se eu possuísse certas coisas que não tenho; (b) Eu seria mais feliz se eu pudesse comprar mais coisas; e (c) Às vezes me incomoda um pouco eu não poder comprar todas as coisas de que eu gostaria. Felicidade apresentou uma média de escore de 8,40 (DP = 3,43) e mostrou escores variando entre 3 e 15 pontos com 28,12% dos participantes apresentando altos níveis de materialismo (Média igual ou superior a 11 pontos).

3.3.1.1 Resultados da Escala de Valores Materiais por Sexo

Para verificar diferenças nos níveis entre materialismo dentre os sexos, calculou-se a diferença entre as médias (Tabela 8). No fator Sucesso, meninos apresentaram média superior às meninas. Nos fatores Centralidade e Felicidade as meninas pontuaram acima dos meninos. Entretanto, embora tenhamos encontrado diferenças entre as médias dos participantes do sexo masculino e do sexo feminino, estas diferenças não se mostraram significativas. Assim, não se confirmou a hipótese de que os meninos apresentariam escores mais altos em materialismo do que as meninas.

Tabela 9.

Diferenças de médias de materialismo entre sexos

| | Masculino | | | | Feminino | | | | F | p |
|---------------------|-----------|------|----------|----------|----------|------|----------|----------|-------|-------|
| | I.C. 95% | | | | I.C. 95% | | | | | |
| | Média | DP | Inferior | Superior | Média | DP | Inferior | Superior | | |
| Sucesso | 10,88 | 3,55 | 10,25 | 11,50 | 10,23 | 3,24 | 9,66 | 10,79 | 0,464 | 0,332 |
| Centralidade | 13,06 | 4,81 | 12,21 | 13,90 | 14,07 | 5,02 | 13,18 | 14,95 | 0,062 | 0,309 |
| Felicidade | 8,26 | 3,28 | 7,68 | 8,83 | 8,45 | 3,49 | 7,83 | 9,06 | 0,529 | 0,792 |

Nota: Sexo Masculino n= 34; Sexo Feminino n=93; DP: Desvio-Padrão da Média; I.C.: Intervalo de Confiança; F: teste F para homogeneidade de variâncias; p: nível de significância

3.3.1.2 Resultados da Escala de Valores Materiais por Grupo Etário

Os participantes foram divididos em dois grupos: (a) Grupo 1 – de 11 a 14 anos de idade e (b) Grupo 2 – de 15 a 18 anos de idade. A Tabela 9 mostra a distribuição das respostas em relação ao grupo etário. As médias e desvios indicam que o grupo entre 11 e 14 anos obtiveram médias superiores aos participantes do grupo entre 15 e 18 anos em todos os fatores. O resultado do teste *t* de *Student* para amostras independentes não confirmou a hipótese de que haveria diferenças entre os níveis de materialismo entre os dois grupos etários.

Tabela 10.

Diferença de médias de materialismo entre grupos etários

| | 11 a 14 anos | | | | 15 a 18 anos | | | | F | P |
|---------------------|--------------|------|----------|----------|--------------|------|----------|----------|-------|-------|
| | I.C. 95% | | | | I.C. 95% | | | | | |
| | Média | DP | Inferior | Superior | Média | DP | Inferior | Superior | | |
| Sucesso | 10,61 | 3,49 | 9,99 | 11,22 | 10,02 | 3,00 | 9,49 | 10,54 | 0,653 | 0,338 |
| Centralidade | 14,05 | 5,02 | 13,16 | 14,93 | 13,36 | 4,88 | 12,50 | 14,21 | 0,273 | 0,454 |
| Felicidade | 8,22 | 3,33 | 7,90 | 9,07 | 8,22 | 3,63 | 7,58 | 8,85 | 0,232 | 0,670 |

Nota: Grupo de 11 a 14 anos n= 82; Grupo de 15 a 18 anos n=45; DP: Desvio-Padrão da média; I.C.: Intervalo de Confiança; F: teste F para homogeneidade de variâncias; p: nível de significância

3.3.1.3 Resultados da Escala de Valores Materiais por Tipo de Escola

As mesmas análises foram realizadas para analisar diferenças entre os níveis de materialismo e o tipo de escola dos participantes. Na Tabela 10 apresentam-se as médias e desvios padrão dos participantes por tipo de escola. Os participantes da escola privada obtiveram média superior aos participantes de escola pública no fator Centralidade. Os alunos

de escola pública apresentaram escores mais elevados que os alunos da escola privada nos fatores Sucesso e Felicidade. A dimensão Centralidade apontou diferença significativa em nível de $p < 0,05$. As demais dimensões não apresentaram diferenças significativas entre os tipos de escola. Desta forma, a terceira hipótese do presente estudo, de que não haveria diferenças entre os níveis de materialismo nos diferentes tipos de escola, foi confirmada parcialmente. Não se encontrou diferença entre alunos de escola pública e privada em relação aos escores de materialismo. Entretanto, quando se analisou cada fator da EVM em separado, o fator Centralidade apresentou diferença significativa ($p < 0,05$) entre os tipos de escola, sendo que os respondentes de escola particular obtiveram as maiores médias.

Tabela 11.

Diferença de médias de materialismo entre tipos de escola

| | Pública | | | | Privada | | | | F | p |
|---------------------|----------|------|----------|----------|----------|------|----------|----------|-------|-------|
| | I.C. 95% | | I.C. 95% | | I.C. 95% | | I.C. 95% | | | |
| | Média | DP | Inferior | Superior | Média | DP | Inferior | Superior | | |
| Sucesso | 10,43 | 3,34 | 9,84 | 11,01 | 10,32 | 3,33 | 9,73 | 10,90 | 0,487 | 0,873 |
| Centralidade | 13,27 | 4,87 | 12,41 | 14,12 | 15,48 | 4,97 | 14,60 | 16,35 | 0,054 | 0,030 |
| Felicidade | 8,56 | 3,41 | 7,95 | 9,16 | 7,90 | 3,47 | 7,28 | 8,51 | 0,016 | 0,358 |

Nota: Escola Pública n=96; Escola Privada n=31; DP: Desvio-Padrão da média; I.C.: Intervalo de Confiança; F: teste F para homogeneidade de variâncias; p: nível de significância

3.3.2 Escala Multidimensional de Satisfação de Vida em Adolescentes

Nesta seção, apresentam-se os resultados dos participantes em relação aos níveis de satisfação de vida apresentados (Tabela 11). De um modo geral, a amostra investigada demonstrou bons níveis de satisfação com a vida, com escores situados próximo dos escores normativos. Quando se comparou os dados obtidos com este estudo com as normas do instrumento, não se encontraram diferenças significativas. Por fim, analisou-se a correlação entre os níveis de materialismo e os níveis de satisfação de vida para a amostra como um todo.

Tabela 12.

Resultados da EMSVA Total

| | Média | DP | I.C. 95% | | Média Norma | DP Norma |
|-----------------------|-------|------|----------|----------|----------------|-------------|
| | | | Inferior | Superior | | |
| Família | 4,09 | 0,81 | 3,94 | 4,23 | 4,05 | 0,27 |
| <i>Self</i> | 3,97 | 0,73 | 3,84 | 4,09 | 4,07 | 0,19 |
| Escola | 3,52 | 0,87 | 3,36 | 3,67 | 3,20 | 0,24 |
| <i>Self Comparado</i> | 3,63 | 0,82 | 3,48 | 3,77 | 3,73 | 0,20 |
| Não Violência | 3,90 | 0,75 | 3,76 | 4,03 | 3,90 | 0,64 |
| Autoeficácia | 3,75 | 0,68 | 3,63 | 3,86 | 3,80 | 0,25 |
| Amizade | 3,74 | 0,78 | 3,60 | 3,87 | 4,23 | 0,28 |

Nota: n = 128; DP: Desvio-Padrão da média; I.C.: Intervalo de Confiança;

3.3.2 Correlação entre Escala de Valores Materiais (EVM) e a Escala Multidimensional de Satisfação de Vida em Adolescentes (EMSVA)

Inicialmente, realizou-se uma análise de correlação de materialismo com cada um dos fatores da satisfação de vida. Em relação aos escores totais da EVM, os resultados indicam correlação negativa fraca significativa com as dimensões Família e Escola da EMSVA.

Para avaliar a relação entre os índices de materialismo e os índices de satisfação de vida, buscou-se analisar como os fatores Sucesso, Centralidade e Felicidade da EVM se correlacionaram com os fatores Família, *Self*, Escola, *Self Comparado*, Não-Violência, Autoeficácia e Amizade da EMSVA. Como se observa na Tabela 12, os resultados indicam uma correlação inversamente proporcional moderada significativa entre o fator Felicidade da escala EVM e o fator Família da EMSVA. Os resultados também apontam para uma correlação inversamente proporcional fraca entre as dimensões *Self*, Escola, Não-Violência, Autoeficácia e Amizade. A correlação do fator Felicidade da EVM não foi significativa somente em relação ao fator *Self Comparado* da escala EMSVA. Os fatores Sucesso e Centralidade da EVM não apresentaram correlações significativas com os fatores da EMSVA. Os resultados obtidos corroboram parcialmente a hipótese inicial de que haveria uma correlação inversamente proporcional entre materialismo e satisfação de vida. As correlações significativas foram encontradas em relação a um dos fatores da Escala de Valores Materiais, o fator Felicidade, e em relação ao somatório da Escala de Valores Materiais.

Tabela 13.

Correlação entre Materialismo e a Escala Multidimensional de Satisfação de Vida em Adolescentes

| | Família | Self | Escola | Self Comparado | Não Violência | Autoeficácia | Amizade |
|---------------------|-----------------|-----------------|-----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| Sucesso | -0,144 | -0,077 | -0,092 | -0,010 | -0,106 | -0,013 | -0,102 |
| Centralidade | -0,122 | 0,036 | -0,094 | 0,112 | -0,099 | 0,151 | 0,034 |
| Felicidade | -0,442** | -0,250** | -0,245** | -0,096 | -0,185* | -0,200* | -0,210* |
| EVM Total | -0,289** | -0,107 | -0,174* | 0,018 | -0,145 | -0,004 | -0,101 |

** . $p < 0,001$ * . $p < 0,05$

Entre os fatores da EMSVA e o fator Felicidade da EVM, Família apresentou a correlação mais significativa, indicando que maiores escores em Felicidade se relacionam a menores escores em Família. Contudo, foi uma correlação moderada, significando que existe uma grande dispersão dos dados. Como pode-se observar no diagrama de dispersão (Figura 6), existe uma tendência de altos escores de materialismo apresentarem baixos escores de satisfação de vida. Contudo, nesta amostra foi possível encontrar indivíduos pouco materialistas com baixa satisfação de vida e também indivíduos muito materialistas que se mostram muito satisfeitos com suas vidas.

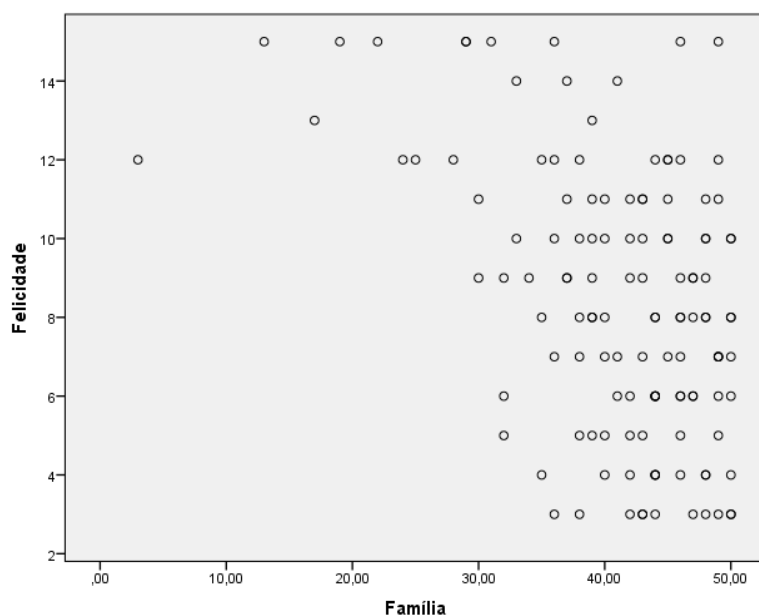


Figura 3. Diagrama de dispersão entre os fatores Família e Felicidade

Como o interesse deste estudo é investigar a relação entre os níveis de materialismo e satisfação de vida, realizou-se uma correlação entre os dados de satisfação de vida com os dados dos participantes com baixos índices de materialismo (quartil inferior) e dos participantes que

obtiveram altos escores de materialismo (quartil superior). A Tabela 13 mostra as correlações dos indivíduos baixos em materialismo com satisfação de vida. Em relação ao escore total de materialismo, nenhuma das correlações mostrou-se significativa.

Tabela 14.

Correlação entre satisfação de vida e indivíduos baixos em materialismo

| | Família | Self | Escola | Self Comparado | Não Violência | Autoeficácia | Amizade |
|---------------------|----------------|--------|--------|-------------------|------------------|--------------|---------|
| Sucesso | -0,078 | -0,051 | -0,268 | -0,095 | -0,286 | -0,094 | -0,029 |
| Centralidade | 0,023 | 0,049 | 0,142 | -0,256 | 0,387* | -0,078 | 0,006 |
| Felicidade | -0,415* | -0,178 | -0,001 | -0,033 | -0,121 | -0,106 | -0,261 |
| EVM Total | -0,294 | -0,092 | -0,058 | -0,249 | 0,024 | -0,185 | -0,181 |

** . $p < 0,001$ * . $p < 0,05$

Entretanto, quando se correlacionou os indivíduos do quartil superior com os escores de satisfação de vida, observaram-se correlações significativas de maior magnitude do que as encontradas na correlação da amostra total. A Tabela 14 apresenta os dados desta correlação.

Tabela 15.

Correlação entre satisfação de vida e indivíduos altos em materialismo

| | Família | Self | Escola | Self Comparado | Não Violência | Autoeficácia | Amizade |
|---------------------|-----------------|--------|-----------------|-------------------|------------------|----------------|---------|
| Sucesso | -0,171 | 0,027 | -0,107 | -0,061 | -0,013 | 0,077 | -0,107 |
| Centralidade | -0,399* | 0,038 | 0,039 | 0,088 | -0,270 | 0,264 | 0,100 |
| Felicidade | -0,550** | -0,258 | -0,436** | -0,282 | -0,382* | -0,420* | -0,262 |
| EVM Total | -0,587** | -0,103 | -0,253 | -0,125 | -0,360* | -0,040 | -0,127 |

** . $p < 0,001$ * . $p < 0,05$

Em resumo, os resultados apresentados sugerem uma grande variabilidade nos níveis de materialismo entre os participantes. Como esperado, não se encontrou correlação entre o tipo de escola dos participantes e os níveis de materialismo. Por outro lado, as correlações entre sexo e materialismo e grupo etário e materialismo, que eram esperadas, não se confirmaram.

Em relação à expectativa de encontrar-se uma correlação negativa entre materialismo e satisfação de vida, os resultados indicam que a hipótese foi confirmada parcialmente. Apenas o fator Felicidade de materialismo apontou para correlações negativas significativas com dimensões da escala de satisfação de vida para a amostra como um todo. Contudo, quando se

selecionou somente os participantes com altos níveis de materialismo, pode-se observar maiores correlações significativas com os níveis de satisfação de vida, sendo todas negativas.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

Neste capítulo, primeiramente discutem-se os resultados relacionados à tradução da Escala de Valores Materiais. A seguir, abordam-se os resultados acerca das hipóteses levantadas neste estudo. Por fim, busca-se compreender a relação entre os níveis de materialismo e satisfação de vida, considerando a importância da consolidação de uma escala pessoal de valores ao longo da adolescência. Além disso, sugerem-se algumas questões e reformulações para estudos futuros.

Na análise de confiabilidade da Escala de Valores Materiais (EVM) apresentou bom nível de confiabilidade. Dos 12 itens da escala apenas o item 2 apresentou um valor superior ao Alfa de *Cronbach* total da escala. A diferença é considerada mínima e não significativa, ou seja, não justifica a exclusão deste item da escala geral para aumentar o índice de confiabilidade da mesma. Os resultados apontam para uma tradução com boa validade interna.

A validade externa da EVM traduzida apontou correlação moderada com o fator Materialismo do Questionário de Valores Psicossociais (QVP-24). Esta correlação é importante uma vez que as duas escalas, embora se aproximem em relação ao construto de materialismo, também apresentam diferenças. A escala QVP-24 considera a questão da autoridade como medida de materialismo enquanto que esta medida não é contemplada na EVM. Além disso, embora o QVP-24 seja uma medida válida e fidedigna de valores, os estudos realizados com este instrumento foram essencialmente com a população adulta ou universitária (Barros, Torres, & Pereira, 2009; Pereira et.al., 2004; Pereira, Cardoso, & Ribeiro, 2007). A diferença de idades dos participantes do presente estudo pode justificar as correlações moderadas encontradas. Todavia, cabe salientar a ausência de instrumentos traduzidos e validados para medir materialismo na infância e adolescência em nosso país, em função do que se optou por utilizar o QVP-24 para comparação.

Um dos objetivos deste estudo foi o de traduzir e validar a Escala de Valores Materiais. De acordo com os resultados apresentados em relação a validade interna e validade externa, considerou-se a tradução da EVM uma boa medida para acessar o materialismo. Para o presente estudo não foi obtido pareamento da amostra em nenhuma das três categorias. Assim sendo, tem-se uma desigualdade no número de participantes por sexo, por grupo etário e por tipo de escola. Apesar dos dados obedecerem a uma distribuição normal e apresentarem homogeneidade de variância, permanece a questão se encontrar-se-ia os mesmos resultados com uma amostra pareada.

Uma vez analisada a validade da EVM, buscou-se examinar os níveis de materialismo na população estudada. A maior parte da amostra encontra-se em nível médio nos níveis de materialismo. Os resultados encontrados são similares ao do estudo de Goldberg et. al. (2003) no qual de um total de 988 adolescentes, 26% apresentaram baixos índices de materialismo, 28%, altos índices de materialismo e o restante da amostra relatou níveis médios.

A primeira hipótese deste estudo refere-se à diferença esperada nos níveis de materialismo entre os sexos. Considerou-se importante testar esta hipótese em função de que, em pesquisas realizadas ainda há uma controvérsia sobre o assunto: alguns autores não encontraram diferença significativa entre os sexos em relação ao materialismo (Cardoso, 2006, Chan, 2003; Chan & Pendergast, 2007; Schaefer, Hermans, & Parker, 2004) e outros apontaram diferença significativa, sendo que os meninos aparecem como mais materialistas que as meninas (Achenreiner, 1997; Churchill & Moschis, 1979; Goldberg et. al., 2003; Kasser, 2002). O resultado do presente estudo para a diferença entre os sexos não foi significativo. Manteve-se a hipótese nula que não há diferenças nos níveis de materialismo entre meninos e meninas. Este resultado é contrário ao de algumas pesquisas realizadas com adolescentes, nas quais os participantes do sexo masculino aparecem como mais materialistas, mais orientados ao consumo e apresentam mais atitudes materialistas que a contrapartida do sexo feminino (Bindah & Othman, 2012; Churchill & Moschis, 1979; Moschis & Churchill, 1978; Moore & Moschis, 1981). O resultado obtido pode ser devido ao baixo poder da amostra para diferenças entre sexo. Para futuras investigações sugere-se aumentar o tamanho da amostra e buscar parear os participantes por sexo.

Entretanto, constatou-se diferença nas médias entre meninas e meninos. Os meninos apresentaram escores mais elevados no Fator Sucesso enquanto as meninas apresentam média superior aos meninos nos fatores Centralidade e Felicidade. Os resultados de Workman e Lee (2011) também apontam para esta diferença, sendo que indivíduos do sexo feminino tendem a pontuar mais alto no fator Centralidade. Uma das explicações é que mulheres investem mais recursos financeiros e emocionais em suas compras o que pode levar a uma crença na importância (centralidade) nas aquisições, enquanto os homens simplesmente compram (Falk & Campbell, 1997).

Em relação à diferença entre as idades estudadas, os dados não apontaram diferenças significativas entre o Grupo 1 – de 11 a 14 anos e o Grupo 2 – de 15 a 18 anos. Todavia, constatou-se diminuição da média dos escores dos participantes nos fatores Sucesso e Centralidade. Novamente, estudos referem resultados conflitantes nesta área. Alguns estudos com adolescentes assinalam uma diminuição dos níveis de materialismo relacionada ao aumento da idade (Chaplin & John, 2007; Moore & Moschis, 1981). Para outros pesquisadores,

o materialismo é um traço que se mantém estável ao longo do desenvolvimento não sendo possível apontar diferenças significativas entre a adolescência inicial e final (Archenreiner, 1997; Goldberg et. al., 2003; Schaefer, Hermans, & Parker, 2004).

As diferenças entre grupos etários podem se dar em função do desenvolvimento moral em que o participante se encontra. A mudança de um nível pré-convencional de desenvolvimento moral para um nível convencional (Kolberg, 1987) propicia um maior entendimento acerca dos valores e objetivos desejados para a vida. Neste momento os valores materiais podem emergir como resposta aos objetivos e se tornar centrais na escala pessoal de valores do indivíduo, fazendo deste período um momento fundamental para intervenções que venham a minimizar os efeitos de um materialismo extremo (Chan & Hu, 2007; Goldberg et. al., 2003).

Face aos resultados obtidos, não se pode refutar a hipótese nula. Os dados deste estudo não apontam para diferenças nos níveis de materialismo entre os grupos etários. No presente estudo não se utilizou uma escala para investigar o nível de desenvolvimento moral dos participantes, o que pode ser interessante e contribuir para o entendimento das diferenças etárias em estudos futuros.

A terceira hipótese levantada diz respeito à relação entre os níveis de materialismo em escolas públicas e privadas. Conforme esperado, não se encontraram diferenças significativas entre os dois grupos que obtiveram média de escore aproximadas. Pesquisas realizadas com adolescentes de classes diferentes confirmam estes achados, indicando que em nossa sociedade ocidental o materialismo está presente em todas as camadas sociais (Chaplin & John, 2007; Dittmar & Pepper, 1994; Isaksen & Roper, 2012). Uma das explicações para este resultado está na comparação social. Durante a adolescência a importância do relacionamento com o grupo de pares torna-se aumentada, uma vez que proporciona aos indivíduos a troca de informações e a experiência de transitar em novos círculos sociais os quais lhe permitirão construir teorias, coloca-las à prova e reformulá-las (Piaget, 1955/1976). A aprovação dos pares e o sentimento de pertença a determinado grupo muitas vezes se dá na forma de vestir, nas marcas consumidas, nos locais frequentados, sendo que este fenômeno ocorre com a maioria dos adolescentes, independente do poder aquisitivo (Chan, 2013; Chaplin & Jon, 2007; Chia, 2010; Richins, 1992).

Contudo, Isaken e Roper (2012) apontam para uma diferença interessante: os adolescentes de baixa-renda tendem a valorizar mais as marcas e produtos mais caros do que os adolescentes de maior poder aquisitivo, os quais tendem a valorizar mais o estilo do que propriamente o preço dos objetos. Para os autores, os adolescentes de baixa-renda veriam nas marcas famosas e nos objetos caros um caminho para aumentar a autoestima e a aceitação

social. Este estudo não buscou investigar quais posses os adolescentes mais valorizam. Desta forma, esta diferença não pode ser observada. Em estudos futuros, a relação dos participantes com marcas e produtos pode auxiliar neste entendimento.

Contudo, obteve-se dados acerca do tempo de exposição diário à televisão dos participantes. Os alunos de escola pública obtiveram média superior e significativa aos alunos de escola privada. Segundo Chia (2010), a relação da exposição à televisão com o aumento do materialismo acontece principalmente em função das propagandas veiculadas. Os comerciais demonstram aos adolescentes que eles podem realizar suas metas de vida através das posses materiais. Ao mesmo tempo utilizam uma forma de persuasão para estes adolescentes compreendam as posses materiais como as próprias metas de vida.

Em relação aos índices de satisfação de vida, os escores obtidos pelos participantes foram próximos às médias estimadas pela Escala Multidimensional de Satisfação de Vida em Adolescentes (EMSVa) em todos os fatores, indicando que os adolescentes entrevistados apresentam bom nível de satisfação com a vida. Em geral, os estudos indicam que os adolescentes tendem a se sentir satisfeitos com a sua vida (Arteche & Bandeira, 2003; Gilman & Huebner, 2003; Segabinazi, Zortea, & Giacomoni, 2014).

Estudos sugerem que a autoestima é um fator importante para o bem-estar, estando relacionada à satisfação de vida (Chaplin & John, 2007; Isaksen & Roper, 2012). Todavia, Deci e Ryan (1995) atentam para a existência de dois tipos de autoestima: a real e a de contingência. A autoestima real está relacionada a ações e comportamentos que fazem do indivíduo um agente responsável pelas suas decisões, as quais são tomadas a partir de motivações internas. A autoestima de contingência, por outro lado, responde às pressões de padrões externos, e as respostas do indivíduo visam se manter neste padrão, sendo controlado pelas demandas sociais. Para os autores, a autoestima real está relacionada ao desenvolvimento da autonomia, porque o indivíduo é responsável por suas escolhas e reconhece causas e consequências de seus atos. O estudo de Deci e Ryan (1995) nos deixa uma questão, visto que (a) as crianças e adolescentes de hoje despontam como a geração mais materialista da história (Schor, 2004) e (b) estudos indicam que adolescentes tendem a se sentir satisfeitos com suas vidas (Arteche & Bandeira, 2003; Gilman & Huebner, 2003). Ao mesmo tempo, há pesquisas que sugerem uma relação inversa entre materialismo e satisfação de vida (Chaplin & John, 2007; Goldberg et. al., 2003; Kasser & Ahuvia, 2002). Assim, cabe perguntar: (a) quanto desta satisfação é real e quanto é de contingência? e (b) estarão os adolescentes mais satisfeitos com suas vidas ou esta é a resposta que nossa sociedade espera?

Neste estudo, também se investigou a relação entre os níveis de materialismo e de satisfação de vida nos adolescentes. Como última hipótese, está a relação entre os níveis de

materialismo e de satisfação de vida nos adolescentes. A literatura indica a existência de uma correlação inversamente proporcional entre materialismo e satisfação de vida neste período do desenvolvimento (Chaplin & John, 2007; Goldberg et al., 2003; Kasser, 2002; Kasser, 2005; Kasser & Ahuvia, 2002). Os dados obtidos contribuem para interpretar qual o impacto que a valorização excessiva das posses materiais pode ter sobre a satisfação de vida na adolescência

A correlação entre Felicidade (EVM) e Família (EMSVA) foi moderada ($r = -0,442$) e a correlação entre Felicidade (EVM) e as demais dimensões de satisfação de vida foram fracas. Neste sentido, a interpretação dos resultados exige cautela. Os resultados confirmaram parcialmente a hipótese, uma vez que foi encontrada uma correlação inversamente proporcional entre o fator Felicidade da Escala de Valores Materiais (EVM) e os fatores Família, *Self*, Escola, Não Violência, Autoeficácia e Amizade da Escala Multidimensional de Satisfação de Vida na Adolescência (EMSVA). A correlação não foi significativa somente entre o fator Felicidade da escala EVM e o fator *Self* Comparado da escala EMSVA.

Na escala EVM, encontramos três fatores: Centralidade, Sucesso e Felicidade. A Centralidade está relacionada ao quanto as pessoas colocam os valores materiais como objetivos e planos de vida, visto que a busca por aquisições orienta seus comportamentos e mobiliza grande energia para estas aquisições (Richins & Dawson, 1992). Daun (1983) define a Centralidade como um estilo de vida no qual o alto índice de consumo de bens materiais é a meta que guia planos e ações futuros.

O fator Sucesso é definido pelo número e qualidade das posses adquiridas e acumuladas e é medido pela comparação que os indivíduos fazem entre si, em determinado meio cultural. As posses materiais servem como instrumento que melhora a imagem pessoal, dando sensação de poder e superioridade (Campbell, 1969). O julgamento de uma vida de sucesso é feito em termos da quantidade e da qualidade das posses adquiridas (Rassuli & Hollander, 1986). Para Campbell (1969), o sucesso através das posses vai além de servir como símbolo de *status*, pois tem a capacidade de projetar uma imagem de perfeição, de vida ideal, identificando os indivíduos como participantes ou não deste “mundo perfeito”.

O fator Felicidade representa o quanto os indivíduos veem as posses e aquisições como grandes fontes de satisfação ou insatisfação com a vida (Belk, 1984). Neste sentido, é possível compreender os resultados obtidos uma vez que esta dimensão é a que mais se relaciona com aspectos da satisfação de vida. Os objetos possuídos ou desejados são vistos como essenciais para o bem-estar, bem como para a busca da felicidade e de uma vida boa (Savater, 2012), a qual se dá pelas aquisições e não por outros meios, tais como relacionamentos pessoais, experiências de vida ou realizações (Richins & Dawson, 1992). As principais correlações encontradas foram entre os escores de Felicidade (EVM) e os escores de Família, *Self* e Escola

(EMSVA). Estes são aspectos bastante relatados na literatura, como influências diretas sobre a formação de valores, de materialismo e de satisfação de vida na infância e adolescência (Chaplin & John, 2010; Flouri, 2004; Isaksen & Roper, 2012; Oberle, Schonert-Reichl, & Zumbo, 2011).

Encontrou-se um resultado interessante quando se selecionou em nossa amostra, primeiramente, os indivíduos com baixos níveis de materialismo e, posteriormente, os participantes com altos níveis de materialismo. Os resultados das correlações para estes dois grupos indicaram diferenças significativas. Participantes que referiram menores escores de valores materiais apresentaram maiores escores de satisfação com a vida. Os participantes com escores altos em materialismo, por outro lado, obtiveram escores baixos em satisfação com a vida, principalmente em relação à Família e à Escola. Estes resultados vão ao encontro daqueles encontrados na literatura, os quais indicam a existência de uma correlação inversamente proporcional entre materialismo e satisfação com a vida na adolescência (Flouri, 2004, Goldberg et. al., 2003, Kasser, 2005).

Um dos resultados relevantes deste estudo está na correlação entre o Materialismo com o fator Família da escala de satisfação de vida. Adolescentes satisfeitos com sua vida reportam relações familiares estruturadas, com foco na boa comunicação entre seus membros (Levin, Dallago, & Currie, 2012; Oberle, Schoonert-Reichl, & Zumbo, 2011). Um bom e positivo funcionamento familiar resulta em melhores índices de satisfação de vida em todos os membros do núcleo familiar e esta relação tende a manter-se estável em outras dimensões da vida do adolescente e perdurar até durante a vida adulta (Ram & Hou, 2003). Embora muitas pesquisas enfatizem o papel da autoestima e da relação do grupo de pares como significativos para uma melhor satisfação com a vida, é no relacionamento familiar que está a base para a percepção de bem-estar de adolescentes (Chaplin & John, 2010; Dew & Huebner, 1994; Flouri, 2004).

Por outro lado, um relacionamento familiar conflitivo ou negligente, desestruturado e punitivo, pode ser preditor de altos níveis de materialismo ao longo da infância e adolescência. De acordo com Chaplin e John (2010), os pais e o grupo de pares são importantes fontes de suporte emocional e psicológico e auxiliam no aumento da autoestima em adolescentes. Em um ambiente familiar desfavorável a autoestima dos filhos por vezes sofre prejuízos. A falta de incentivo, segurança e compreensão dos pais pode gerar sentimentos de inadequação dos filhos que tendem a encontrar nas posses materiais ou nos comportamentos de risco a recompensa por sentimentos ruins e uma forma de aumentar sua estima e atingir o *status* almejado em outros grupos sociais (Blázquez & Bonás, 2013; Flouri, 2004). Além disso, estudos destacam que os níveis de materialismo dos pais influenciam diretamente os níveis de materialismo dos filhos, ou seja, se a criança cresce em um ambiente no qual os adultos utilizam

aquisições e posses como sinônimos de satisfação de vida, elas têm uma chance aumentada de repetir este modelo (Blázquez & Bonás, 2013). Piaget (1965/1973) já enfatizava a questão de que os adultos significativos servem de modelos para as crianças que, através das relações de respeito, reproduzem os valores que são colocados por estes adultos. Portanto, pais que compartilham fortemente valores materiais estarão acenando para seus filhos a importância destes valores em detrimento de outros. É parte importante do desenvolvimento da adolescência reconhecer que suas perspectivas e emoções muitas vezes diferem das de seus pais. Neste caso, pais que têm dificuldade em estimular a autonomia dos filhos e reconhecê-los como indivíduos com ideais e desejos próprios, podem gerar filhos inseguros (Deci & Ryan, 1985). As posses materiais, em nossa sociedade, servem para preencher esta lacuna, emprestando uma sensação de segurança uma vez que são vistas como medida de sucesso (Kasser & Kasser, 2001).

Quando se investigou os participantes altos em materialismo observou-se uma correlação negativa e significativa com a dimensão de Não Violência da EMSVA. A dimensão de Não Violência mede o desejo do adolescente em não se envolver em situações de risco associadas a comportamentos agressivos como brigas e discussões. Participantes com altos escores de materialismo obtiveram baixos escores em Não Violência. É importante atentar que baixos níveis de satisfação com a vida e altos índices de materialismo estão relacionados ao aumento do comportamento de risco, consumo de substâncias (lícitas ou ilícitas) e violência (McDonald, Piquero, Valois, & Zullig, 2005; Sweeting, Bhaskar, & Hunt, 2014; Zullig et. al., 2001). Dentro dos comportamentos de risco destacam-se o porte ou uso de armas e sexo sem proteção ou violento (McDonald, Piquero, Valois, & Zullig, 2005). O consumo de substâncias relatado por adolescentes com baixos níveis de satisfação de vida engloba desde álcool e cigarro, maconha, inalantes, cocaína e drogas injetáveis, estas últimas aumentando também a exposição a doenças transmissíveis (Sweeting, Bhaskar, & Hunt, 2014). Considerando-se que a adolescência é o momento de transição para o ingresso do indivíduo na sociedade adulta, comportamentos como os descritos acima podem levar a exclusão social, prejuízos acadêmicos, dificuldades nos relacionamentos interpessoais, ou seja, toda uma gama de situações que podem levar até adoecimento mental (Kasser & Ryan, 1993).

Além do ambiente familiar, o contexto escolar contribui para a formação e desenvolvimento de crianças e adolescentes, sendo a escola, geralmente, um dos primeiros ambientes socializadores no qual o indivíduo se insere. O convívio escolar possibilita que as crianças vivenciem distintas relações de coação, com professores, diretores, funcionários e também se inicie nas relações com os pares: “é durante a infância que se manifesta entre nós o máximo da coerção intelectual e moral das gerações precedentes sobre as seguintes” (Piaget,

1998, p. 163). Os adolescentes têm no espaço escolar um ambiente para vivenciar a cooperação, o pensamento lógico, a reflexão e a crítica: “a adolescência constitui um momento de virada decisivo: aquele em que o indivíduo rejeita ou pelo menos revê tudo que lhe inculcaram, de modo a construir para si uma representação das coisas e um projeto de vida pessoais” (Piaget, 1998, p. 164). A relação que o adolescente estabelece com a escola pode auxiliar ou prejudicar a realização de um projeto de vida pessoal.

Neste sentido, o presente estudo aponta uma correlação negativa entre altos níveis de materialismo e o fator Escola da escala de satisfação de vida. Adolescentes mais preocupados com posses materiais apresentam maiores dificuldades escolares e menores índices de aproveitamento, acarretando prejuízos em seus projetos de vida futuros (Goldberg et. al., 2003; Ku, Dittmar, & Banerjee, 2012). Adolescentes mais materialistas são menos motivados a aprender e geralmente o fazem visando algum retorno imediato, por exemplo, receber reconhecimento externo, evitar parecer incompetente ou menos competente que os colegas (Ku, Dittmar, & Banerjee, 2014). Segundo esses autores, os adolescentes menos preocupados com as posses materiais tendem a se envolver com a escola e com os estudos, de forma a atingir metas que servirão de norte para suas vidas adultas, com foco no desenvolvimento de suas competências.

Henderson-King e Mitchell (2011) investigaram 232 escolares americanos em relação aos níveis de materialismo e as expectativas dos alunos em relação à educação. Os resultados destacam que os adolescentes mais materialistas veem na sua educação uma oportunidade de ganhar independência, uma chance de estabelecer bons relacionamentos e também uma fonte de estresse. Por sua vez, os alunos menos materialistas tendem a ver a sua educação como um momento preparatório para suas carreiras, oportunidade de obter independência, explorar direções futuras, obter crescimento pessoal e aprender habilidades que possam fazer a diferença para o mundo.

Mas o que determina o surgimento do materialismo? De acordo com Chan e Arkin (2002) áreas como a sociologia e a psicologia vêm se ocupando deste assunto e discutindo os possíveis antecedentes do materialismo. Estes antecedentes incluem a percepção de uma sociedade carente de normas, sentimento de insegurança pessoal, suscetibilidade às influências normativas e o *status* socioeconômico. Em seu estudo, esses autores destacam o papel da falta de normas e da insegurança pessoal como os principais fatores relacionados a uma vida focada nos valores materiais extremos. Sobre a falta de normas, os autores traduzem como anomia o tipo de crenças que os indivíduos mantêm, segundo as quais as sociedades falham em estabelecer quais comportamentos são corretos ou aceitáveis. Além disso, a forma de estabelecer sanções quando os comportamentos se mostram desviantes da norma são pouco

claras e muitas vezes ineficientes: “Quando os indivíduos perdem a fé na sociedade ou nas tradições culturais, o materialismo ocupa um lugar de destaque trazendo sentido para a existência humana” (Chang & Arkin, 2002, p. 390). Sobre a insegurança, os autores sugerem que o materialismo funciona como um mecanismo de aumentar a autoestima e a valorização pessoal.

Podemos compreender o que Chang e Arkin (2002) falam sobre a anomia de acordo com a teoria de desenvolvimento moral proposta por Piaget (1932/1994). Se a heteronomia se traduz como a obediência a regras, as quais são sentidas como obrigatórias e executadas através de mecanismos de coação, a anomia caracteriza-se pela ausência de regras que regulem o comportamento humano. Uma vez que as regras ditadas por uma sociedade não são aceitas ou não fazem sentido para o indivíduo e transgredi-las não implica em uma sanção, elas podem ser quebradas. Um exemplo cotidiano: a luz vermelha do semáforo indica a obrigatoriedade de parar o veículo. Entretanto, atualmente em nossa cidade, esta regra pode não ser sentida como obrigatória se o indivíduo estiver com pressa, se não existirem outros veículos no cruzamento, se não existir um mecanismo externo de controle, como um policial ou agente de trânsito. Assim, as pessoas infringem esta regra, mesmo porque dificilmente haverá uma punição. Se a consolidação de uma escala pessoal de valores implica em um desenvolvimento de autonomia, pode-se refletir que os indivíduos mais materialistas tendem a agir de acordo com a anomia ou heteronomia, dificultando a aquisição de um desenvolvimento moral pleno.

Se o desenvolvimento moral é uma construção que inicia nas primeiras trocas pais-bebê e vai construindo-se ao longo dos anos, a adolescência é o momento no qual o jovem deve “projetar-se no futuro, tomar decisões sobre que ‘vida boa’ vão eleger, sobre o que vão fazer, e, logo, sobre quem vão ser” (La Taille, & Harkot-de La Taille, 2006). Segundo esses autores, os adolescentes percebem em suas relações com os pais, professores e pares, como ambientes férteis para trocas e aquisição de valores. E é neste meio de trocas que os valores morais podem prosperar e inserir os indivíduos em uma vida no plano ético (La Taille, 2006). Para Piaget (1932/1994), agir eticamente implica em pautar a vida em valores individuais e coletivos. A capacidade do indivíduo de colocar-se no lugar do outro serve de fomento para as relações de respeito mútuo e para as condutas de cooperação, que irão facilitar o ingresso do adolescente na sociedade adulta.

Os valores morais pressupõem a valorização do outro, o reconhecimento do outro. Em contrapartida, os valores materiais podem se constituir na ausência do outro, ou até, no lugar do outro. Uma vez que o foco recai sobre as posses, é preciso menos envolvimento para manutenção de relacionamentos com outros indivíduos. Em um estudo com jovens de 7 a 14 anos que frequentam escolas públicas e privadas em Porto Alegre – RS, Prestes, Castro, Freitas

e Tudge (2014) encontraram uma baixa frequência de valores relacionados ao bem-estar do outro mesmo em adolescentes, o que significa que este tipo de valor não tem se mostrado relevante nesta população. A ênfase no materialismo excessivo, como já foi dito, favorece condutas individualistas e tornam frágeis os vínculos humanos (Ang, Manso, & Tan, 2014).

CAPÍTULO V

CONCLUSÃO

Este estudo buscou avaliar os níveis de materialismo e satisfação de vida em adolescentes da cidade de Porto Alegre – RS. Além disso, buscou compreender o impacto que acarreta o extremo materialismo na vida dos indivíduos assim como sua influência na consolidação de uma escala pessoal de valores. Os resultados deste estudo vão ao encontro da literatura atual sobre o assunto e indicam que há uma relação entre os níveis de materialismo e níveis de satisfação de vida na adolescência.

Com relação às limitações deste estudo temos a falta de pareamento da amostra por sexo, grupo etário e tipo de escola. Apesar de não ter sido possível obter amostras pareadas, somente a amostra por sexo apresentou um baixo poder. Neste sentido, controlar melhor a distribuição dos participantes pode resultar em dados mais robustos.

Em relação aos instrumentos utilizados, apesar de ter sido realizado um grupo focal com a tradução da Escala de Valores Materiais (EVM), durante a administração das escalas foram reportadas dúvidas pelos participantes em relação ao conteúdo de algumas afirmações. Estas dúvidas podem ter resultado em dificuldades na resposta de alguns itens e, por consequência, influenciado os resultados finais. Outro dado interessante diz respeito a forma como as escalas foram preenchidas. Alguns participantes além de marcar a alternativa selecionada, escreveram justificativas ao lado de algumas informações. Este procedimento foi verificado em todos os instrumentos. O tema suscitou o interesse dos participantes por tratar de questões vivenciadas por eles em seu cotidiano. Uma alternativa que pode ser utilizada em estudos futuros é, além das escalas, utilizar algum tipo de entrevista na qual o participante possa discorrer mais profundamente sobre os tópicos citados, gerando uma base de dados qualitativa que pode somar aos conhecimentos aqui relatados.

Cabe salientar que a maioria das publicações que busca compreender a relação entre materialismo e satisfação de vida relatam pesquisas realizadas em outros países, principalmente nos Estados Unidos (Dittmar, 2005; Flouri, 2004; Goldberg et. al., 2003; Kasser, 2005). Para que possa ser considerado como parte do desenvolvimento humano, é necessário que um fenômeno se encontre em contextos culturais diferentes (Tudge & Freitas, 2012). Neste sentido, o presente estudo vem a contribuir para o conhecimento desta relação em adolescentes do nosso país.

Outra contribuição do presente estudo diz respeito ao entendimento dos valores materiais como parte de uma escala mais ampla de valores, a qual se constrói ao longo do desenvolvimento humano. Nesta construção, os valores materiais podem ou não serem

prioritários na vida dos indivíduos, e sua construção dependerá das influências das trocas interpessoais e ambientais. São os valores que construímos ao longo da vida que irão compor nossa escala pessoal nos permitindo (ou não) uma vida boa. Temos nos períodos da infância e da adolescência momentos nos quais estas aprendizagens são consolidadas. A aquisição de uma moral autônoma e de relações baseadas em respeito mútuo e reciprocidade levam a um equilíbrio pessoal ao longo da vida. O tipo de vínculo que o indivíduo adota com os outros a seu redor pode facilitar a aquisição de uma escala de valores voltada para ideais individuais e coletivos. Sem o foco na coletividade, tem-se o perigo de viver uma vida individualista e solitária. E, lembrando Savater (2012): “A vida boa humana é vida boa *entre os seres humanos*, caso contrário pode até ser vida, mas não será boa nem humana” (p.55).

Os resultados obtidos no presente estudo mais do que fornecer respostas, suscitam questionamentos. O impacto do materialismo extremo em nossa sociedade tem levado os indivíduos a prejuízos sociais, intelectuais e até ao adoecimento. Cabe também a nós, psicólogos, trabalhar no sentido de conhecer a fundo esta questão e investir em um futuro melhor para a comunidade.

REFERÊNCIAS

- Achenreiner, G. B. (1997). Materialistic values and susceptibility to influence in children, in *Advances in Consumer Research*, 24, 82–88.
- Ahuvia, A. C. (2008). If money doesn't make us happy, why do we act as if it does? *Journal of Economic Psychology*, 29(4), 491–507. <http://doi.org/10.1016/j.joep.2007.11.005>
- Ahuvia, A. C. & Wong, N. (1995). Materialism: Origins and implications for personal well-being. *European Advances in Consumer Research*, 2(1995), 172–178.
- Ang, C. S., Mansor, A. T., & Tan, K.-A. (2014). Pangs of Loneliness Breed Material Lifestyle but Don't Power Up Life Satisfaction of Young People: The Moderating Effect of Gender. *Social Indicators Research*, 117(2), 353–365. <http://doi.org/10.1007/s11205-013-0349-0>
- Arteche, A. X., & Bandeira, D. R. (2003). Bem-estar subjetivo: um estudo com adolescentes trabalhadores. *Psico-USF*, 8(2), 193–201.
- Atay, E. G., Sirgy, M. J., Ciclic, M., & Husic, M. (2009). Extending the research in relation to materialism and life satisfaction. *Advances in Consumer Research*, 36, 225-232.
- Barros, T. S., Torres, A. R. R., & Pereira, C. (2009). Autoritarismo e adesão a sistemas de valores psicossociais. *Psico-USF*, 14(1), 47-57.
- Bauman, Z. (2011). *Vida em Fragmentos: sobre ética pós-moderna*. Rio de Janeiro:Zahar.
- Belk, R. W. (1984). Three scales to measure constructs related to materialism: reliability, validity, and relationships to measures of happiness. *Advances in Consumer Research*, Duluth, Minnesota, 11(1), 291-297.
- Belk, R. W. (1985). Materialism: Trait aspects of living in the material world. *Journal of Consumer Research*, 12(3) 265-280.
- Belk, R. W., Ger, G., & Askegaard, S. (1996). Cross-cultural differences in materialism. *Journal of Economic Psychology*, 17(1), 55-77.
- Ben-Zur, H. (2003). Happy adolescents: The link between subjective well-being, internal resources, and parental factors. *Journal of Youth and Adolescence*, 32(2), 67–79.
- Bindah, E. V., & Othman, M. N. (2012). Age and Gender Differences Associated with Family Communication and Materialism among Young Urban Adult Consumers in Malaysia: A One-Way Analysis of Variance (ANOVA). *International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*, 2 (11), 228-246.
- Blásquez, J. F. D., & Bonás, M. C. (2013). Influences in children's materialism: a conceptual framework. *Young Consumers*, 14 (4), 297-311. <http://dx.doi.org/10.1108/YC-03-2013-00346>.

- Bloss, P. (1996). *Transição Adolescente: questões desenvolvimentais*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Camino, C., Paz, M., & Luna, V. (2009). Valores morais no âmbito escolar: Uma revisão dos valores apresentados nos livros didáticos e por professores, de 1970 a 2006. In Y. de La Taille & M. S. S. Menin (Eds.), *Crise de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed, 130-151.
- Campbell, Donald T. (1969). *Materialism in Measure of Social Attitudes*. Institute for Social Research, 651-659.
- Cardoso, A. (2006). Marketing de vestuário de criança: a relação das crianças com as marcas de vestuário, a moda e o estilo de vestir. Guimarães: Universidade do Minho. (Tese de doutorado).
- Chan, K. (2013). Development of materialistic values among children and adolescents. *Young Consumers*, 14(3), 244–257. <http://doi.org/10.1108/YC-01-2013-00339>
- Chan, K., & Hu, F. (2008). Attitudes toward material possessions among Chinese children. *Young Consumers*, 9(1), 49–59. <http://doi.org/10.1108/17473610810857318>
- Chan, K., & Prendergast, G. (2007). Materialism and social comparison among adolescents. *Social Behavior and Personality: An International Journal*, 35(2), 213–228.
- Chang, L., & Arkin, R. M. (2002). Materialism as an attempt to cope with uncertainty. *Psychology and Marketing*, 19(5), 389–406. <http://doi.org/10.1002/mar.10016>
- Chaplin, L. N., & John, D. R. (2007). Growing up in a material world: Age differences in materialism in children and adolescents. *Journal of Consumer Research*, 34(4), 480–493.
- Chaplin, L. N., & John, D. R. (2010). Interpersonal influences on adolescent materialism: A new look at the role of parents and peers. *Journal of Consumer Psychology*, 20, 176-184. <http://doi.org/10.1016/j.jcps.2010.02.002>
- Chia, S. C. (2010). How Social Influence Mediates Media Effects on Adolescents' Materialism. *Communication Research*, 37(3), 400–419. <http://doi.org/10.1177/0093650210362463>
- Christopher, A. N., Morgan, R. D., Marek, P., Keller, M., & Drummond, K. (2005). Materialism and self-presentational styles. *Personality and Individual Differences*, 38(1), 137–149. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2004.03.015>
- Churchill, G. A., & Moschis, G. P., (1979). Television and interpersonal influences on adolescent consumer learning. *Journal of Marketing Research*, 6, 23-35.
- Comte-Sponville, A. (2003). Materialismo (A. M. Ribeiro-Althoff, Trans.). In Canto-Sperber, M. (Ed.), *Dicionário de ética e filosofia moral*, 2, 143-149). São Leopoldo: Editora Unisinos.

- Cozby, P. C. (2003). Pesquisa de levantamento: uma metodologia para estimular pessoas a falar sobre si mesmas. *Método de Pesquisa em Ciência do Comportamento*. São Paulo: Atlas.
- Csikszentmihalyi, M., & Rochberg-Halton, E. (1978). Reflections on materialism. *The University of Chicago Magazine*, 70(3), 6-15.
- D'Aurea-Tardeli, D. (2009). Crise de valores ou valores em crise? In Y. de La Taille & M.S. De S. Menin (orgs). *Adolescência, personalidade e projeto de vida solidário*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Daun, A. (1983). *The materialistic lifestyle: Some sociopsychological aspects*. New York: St. Martin's.
- Dawson, S., & Bamossy, G. (1991). "If 'we are what we have,' what are we when we don't have? An exploratory study of materialism among expatriate americans," in Rudmin, F. W. (ed.), *To Have Possessions: A Handbook on Ownership and Property (Special Issue of Journal of Social Behavior and Personality)*, 66, 363-384.
- Deci, E.L., & Ryan, R.M. (1995). *Human autonomy – the basis for true self-esteem*. Efficacy, Agency, and Self-Esteem. New York: Plenum Press, 31-49.
- Dew, T., & Huebner, E. S. (1994). Adolescents' perceived quality of life: an exploratory investigation. *Journal of School Psychology*, 32 (2), 185-199.
- Diener, E. D. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95(3), 542-575.
- Diener, E. D., & Diener, M. (1995). Cross-cultural correlates of life satisfaction and self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(4), 653-663.
- Diener, E. D., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-75.
- Dittmar, H. (1994). To have is to be: materialism and person perception in working-class and middle-class British adolescents. *Journal of Economic Psychology*, 15, 233-251.
- Dittmar, H. (2004). Are you what you have? *The Psychologist* 17(4), 206-211.
- Dittmar, H., Beattie, J., & Friese, S. (1995). Gender identity and material symbols: Objects and decision considerations in impulse purchases. *Journal of Economic Psychology* 16, 491-511.
- Dittmar, H., & Pepper, L. (1992). Materialistic values, relative wealth and person perception: social psychological belief systems of adolescents from different socio-economic backgrounds. *Meaning, Measure, and Morality of Materialism*, 40-45.
- Dittmar, H., Bond, R., Hurst, M., & Kasser, T. (2014). The relationship between materialism and personal well-being: a meta-analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 107 (5), 879-924. <http://dx.doi.org/10.1037/a0037409>

- Eizirik, C. L., Bassols, A. M. S., & Kapczinski, F. (2001). *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Eren, S. S., Eroglu, F., & Hacıoglu, G. (2012). Compulsive buying tendencies through materialistic and hedonic values among college students in Turkey. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 58, 1370-1377.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Evans, D. R., Burns, J. E., Robinson, W. E., & Garret, O. J. (1985). The quality of life questionnaire: a multidimensional measure. *American Journal of Community Psychology*, 13(3), 305-322.
- Falk, P. & Campbell, C. (1997). *Introduction*, in P. Falk and C. Campbell (eds). *The Shopping Experience*. London: Sage, 1–14.
- Field, A. (2009). *Descobrimos a estatística usando o SPSS*. Porto Alegre: Artmed.
- Flouri, E. (2004). Exploring the relationship between mothers' and fathers' parenting practices and children's materialist values. *Journal of Economic Psychology*, 25(6), 743–752. <http://doi.org/10.1016/j.joep.2003.06.005>
- Freitas, L. B. L. (1999). Do mundo amoral à possibilidade de ação moral. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(2), 447-458.
- Freitas, L. B. L. (2003). *A moral na obra de Jean Piaget: um projeto inacabado*. São Paulo: Cortez.
- Freitas, L. B. L. (2011). Vontade: instrumento de autorregulação em situações de conflito. *Anais, Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral*. Campinas: Universidade de Campinas, 605-615.
- Frisch, M. B., Cornell, J., Villanueva, M., & Retzlaff, P. J. (1992). Clinical validation of the quality of life inventory: a measure of life satisfaction for use in treatment planning and outcome assessment. *Psychological Assessment*, 4(1), 92-101.
- Fromm, E. (1976). *To have or to be?* New York: Harper and Row.
- Garcia, P. A. O. (2009). *Escala brasileira de valores materiais*. Brasília: Universidade de Brasília. (Tese de mestrado).
- Giacomoni, C. H. (2004). Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. *Temas em Psicologia*, 12(1), 43-50.
- Giacomoni, C. H., Höher, S. P., Wathier, J. L., Santos, B. R., Segabinazi, J. D., & D'Ávila, V. S. (2005). *Avaliação Qualitativa de Bem-Estar Subjetivo em Adolescentes*. Pôster apresentado no II Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica, Gramado, RS.

- Giacomoni, C. H., & Hutz, C. (2006). Escala de afeto positivo e negativo para crianças: estudos de construção e validação. *Psicologia Escolar e Educacional*, 10(2), 236-245.
- Giacomoni, C. H., (2008). Escala multidimensional de satisfação de vida para crianças: estudos de construção e validação. *Estudos de Psicologia*, 25(1), 23-35.
- Gilman, R., & Huebner, E. S. (2006). Characteristics of Adolescents Who Report Very High Life Satisfaction. *Journal of Youth and Adolescence*, 35(3), 293–301. <http://doi.org/10.1007/s10964-006-9036-7>
- Goldberg, M. E., Gorn, G. J., Peracchio, L. A., & Bamossy, G. (2003). Understanding Materialism among Youth. *Journal of Consumer Psychology*, 13, 278–88.
- Griffin, M., Babin, B. J., & Christensen, F. (2004). A cross-cultural investigation of the materialism construct. *Journal of Business Research*, 57(8), 893–900. [http://doi.org/10.1016/S0148-2963\(02\)00290-4](http://doi.org/10.1016/S0148-2963(02)00290-4)
- Henderson-King, D., & Mitchell, A. A. (2011). Do materialism, intrinsic aspirations, and meaning in life predict student’s meaning of education? *Social Psychology of Education*, 11 (1), 119-134.
- Hudson, E. (2013). Does relative material wealth matter for child and adolescent life satisfaction? *The Journal of Socio-Economics*, 46, 38-47.
- Inglehart, R. (1981). Post-materialism in an environment of insecurity. *American Political Science Review*, 75, 880-900.
- Isaksen, K. J., & Roper, S. (2012). The Commodification of Self-Esteem: Branding and British Teenagers. *Psychology & Marketing*, 29(3), 117–135.
- Kasser, T. (2002). *The high price of materialism*. Cambridge: The MIT Press.
- Kasser, T. (2005). Frugality, generosity, and materialism in children and adolescents. In: MOORE, K. A.; IIPPMAN, I. H. (Orgs.). What do children need to flourish? Conceptualizing and measuring indicators of positive development. New York: Kluwer/Plenum, 2005. p. 357-373.
- Kasser, T., & Kasser, V. G. (2001). The dreams of people high and low in materialism. *Journal of Economic Psychology*, 22, 693-719.
- Kasser, T., & Ahuvia, A. (2002). Materialistic values and well-being in business students. *European Journal of Social Psychology*, 32, 137-146.
- Kasser, T., Rosenblum, K. L., Sameroff, A. J., Deci, E. L., Niemiec, C. P., Ryan, R. M., Hawks, S. (2014). Changes in materialism, changes in psychological well-being: Evidence from three longitudinal studies and an intervention experiment. *Motivation and Emotion*, 38(1), 1–22. <http://doi.org/10.1007/s11031-013-9371-4>

- Kasser, T., & Ryan, R. M. (1993). A dark side of the American dream: correlates of financial success as a central life aspiration. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65(2), 410.
- Kilbourne, W., Grünhagen, M., & Foley, J. (2005). A cross-cultural examination of the relationship between materialism and individual values. *Journal of Economic Psychology*, 26(5), 624–641. <http://doi.org/10.1016/j.joep.2004.12.009>
- Kohlberg, L. (1987). *Child psychology and childhood education: A cognitive-developmental view* New York: Longman.
- Kramer, J. B. (2006). Ethical analysis and recommended action in response to the dangers associated with youth consumerism. *Ethics & Behavior*, 16(4), 291–303.
- Kretschmer, T., & Pike, A. (2010). Associations between adolescent siblings' relationship quality and similarity and differences in values. *Journal of Family Psychology*, 24(4), 411–418. <http://doi.org/10.1037/a0020060>
- Ku, L., Dittmar, H., & Banerjee, R. (2012). Are materialistic teenagers less motivated to learn? Cross-sectional and longitudinal evidence from the United Kingdom and Hong Kong. *Journal of Educational Psychology*, 104(1), 74–86. <http://doi.org/10.1037/a0025489>
- Ku, L., Dittmar, H., & Banerjee, R. (2014). To have or to learn? The effects of materialism on British and Chinese children's learning. *Journal of Personality and Social Psychology*, 106(5), 803–821. <http://doi.org/10.1037/a0036038>
- La Taille, Y. (1992). *Desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Jean Piaget*. In La Taille, Y., Oliveira, M. K., Dantas, H. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 47-74.
- La Taille, Y. (2006). *Moral e ética: Dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- La Taille, Y. (2009). *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- La Taille, Y., Harkot-de-La-Taille, E. (2006) *Apêndice - Valores dos jovens de São Paulo*. In: Yves de La Taille. (Org.). *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. 1ed. Porto Alegre: Artmed, 151-189.
- Levin, K. A., Dallago, L., & Currie, C. (2012). The Association Between Adolescent Life Satisfaction, Family Structure, Family Affluence and Gender Differences in Parent–Child Communication. *Social Indicators Research*, 106(2), 287–305. <http://doi.org/10.1007/s11205-011-9804-y>
- Lewis, A. D., Huebner, E. S., Malone, P. S., & Valois, R. F. (2011). Life Satisfaction and Student Engagement in Adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 40(3), 249–262. <http://doi.org/10.1007/s10964-010-9517-6>

- Lyubomirsky, S., & King, L. (2005). The benefits of frequent positive affect: does happiness lead to success? *Psychological Bulletin*, *131*(6), 803-855.
doi: 10.1037/0033-2909.131.6.803
- Manolis, C., & Roberts, J. A. (2012). Subjective Well-Being among Adolescent Consumers: The Effects of Materialism, Compulsive Buying, and Time Affluence. *Applied Research in Quality of Life*, *7*(2), 117–135. <http://doi.org/10.1007/s11482-011-9155-5>
- McCullough, G., Hubner, E. S., & Laughlin, J. E. (2000). Life events, self-concept, and adolescents' positive subjective well-being. *Psychology in the School*, *37*(3), 281-290.
doi: 10.1002/(SICI)1520-6807(200005)37:3<281::AID-PITS8>3.0.CO;2-2
- McDonald, J. M., Piquero, A. R., Valois, R. F., & Zullig, K. J. (2005). The relationship between life satisfaction, risk-taking behaviors, and youth violence. *Journal of Interpersonal Violence*, *20* (11), 1495-1518. <http://doi.org/10.1177/088626050527818>
- Menin, M. S. S., Tavares, M. R., & Moro, A. (2013). Mensurando valores morais: uma pesquisa com alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. *Revista de Educação Pública*, *22*(49/2), 525-549.
- Mick, D. G. (1996). Are studies of dark side variables confounded with socially desirable responding? The case of materialism. *The journal of consumer research*, *23*(2), 106-119.
- Momo, M., & Costa, M. V. (2010). Crianças escolares do século XXI: para se pensar um a infância pós-moderna. *Cadernos de Pesquisa*, *40*(141), 965-991.
- Moore, R. L. & Moschis, G. P. (1981). The Role of Family Communication in Consumer Learning. *Journal of Communication*, *31*(4), 42-51.
- Moschis, G. P., & Churchill, G. A. (1978). Consumer socialization: a theoretical and empirical Analysis. *Journal of Marketing Research*, *15*(4), 544-609.
- Oberle, E., Schonert-Reichl, K. A. & Zumbo, B. D. (2011). Life satisfaction in early adolescence: personal, neighborhood, school, family, and peer influences. *Journal of Youth Adolescence*, *40*, 889-901.
- Oberle, E., Schonert-Reichl, K. A. & Zumbo, B. D. (2011). Life Satisfaction in Early Adolescence: Personal, Neighborhood, School, Family, and Peer Influences. *Journal of Youth and Adolescence*, *40*(7), 889–901. <http://doi.org/10.1007/s10964-010-9599-1>
- Osório, L. C. (1992). *Adolescer hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed.

- Park, N. (2004). The Role of Subjective Well-Being in Positive Youth Development. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 591(1), 25–39. <http://doi.org/10.1177/0002716203260078>
- Pereira, C., Camino, L. & Costa, J. B. (2004). Análise fatorial confirmatória do questionário de valores psicossociais –QVP-24. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 505-512.
- Pereira, C., Cardoso, S. J., Ribeiro, A. R. C. (2005). Teste empírico de um modelo sobre as relações entre sistemas de valores e as atitudes democráticas. *Psicologia*, 19(1-2), 227-250.
- Piaget, J. (1932/1994). *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus.
- Piaget, J. (1954/2005). *Inteligencia y afectividad*. Buenos Aires: Aique Grupo Editor.
- Piaget, J. (1965/1973). *Estudos sociológicos*. Rio de Janeiro: Forense.
- Piaget, J., & Inhelder, B. (1955/1976). *O pensamento adolescente*. Da lógica da criança à lógica do adolescente: ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais. São Paulo: Pioneira.
- Pieters, R. (2013). Bidirectional Dynamics of Materialism and Loneliness: Not Just a Vicious Cycle. *Journal of Consumer Research*, 40 (4), 615-631. <http://doi.org/10.1086/671564>
- Piko, B. F. (2006). Satisfaction with Life, Psychosocial Health and Materialism among Hungarian Youth. *Journal of Health Psychology*, 11(6), 827–831. <http://doi.org/10.1177/1359105306069072>
- Prestes, A. C., Castro, F. M. P., Freitas, L. B. L., & Tudge, J. (2014). Desenvolvimento de valores em crianças e adolescentes. *Leopoldianum*, 110, 25-38.
- Proctor, C. L., Linley, P. A., & Maltby, J. (2009). Youth Life Satisfaction: A Review of the Literature. *Journal of Happiness Studies*, 10(5), 583–630. <http://doi.org/10.1007/s10902-008-9110-9>
- Proctor, C. L., Linley, P. A., & Maltby, J. (2010). Very Happy Youths: Benefits of Very High Life Satisfaction Among Adolescents. *Social Indicators Research*, 98(3), 519–532. <http://doi.org/10.1007/s11205-009-9562-2>
- Ram, B., & Hou, F. (2003). Changes in family structure and child outcomes: roles of economic and familial resources. *The Policies Studies Journal*, 31(3), 309-330. doi: 10.1111/1541-0072.00024
- Rassuli, K. M., & Hollander, S. C. (1986). Desire – induces, innate, insatiable? *Journal of Macromarketing*, 6(2), 4-24. doi: 10.1177/027614678600600205
- Richins, M. L. (1987). Media, materialism, and human happiness. in *NA - Advances in Consumer Research Volume 14*, eds. Melanie Wallendorf and Paul Anderson, Provo, UT : Association for Consumer Research, 352-356.

- Richins, M. L. (1992). Media images, materialism, and what ought to be: the role of social comparison, in SV - Meaning, Measure, and Morality of Materialism, eds. Floyd W. Rudmin and Marsha Richins, Provo, UT : *Association for Consumer Research*, 202-206.
- Richins, M. L. (2004). The material values scale: measurement properties and development of a short form. *Journal of Consumer Research*, 31, 209-219.
- Richins, M. L., & Dawson, S. (1992). A consumer values orientation for materialism and its measurement: scale development and validation. *Journal of Consumer Research*, 19(3), 303-316.
- Ryan, L., & Ddziurawiec, S. (2001). Materialism and its relationship to life satisfaction. *Social Indicators Research* 55, 185–197.
- Rockeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Pass.
- Santos, C. P., & Fernandes, D. V. D. H. (2010). A socialização de consumo e a formação do materialismo entre os adolescentes. *Revista de Administração Mackenzie*, 12(1). <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/RAM/article/view/2502>
- Savater, F. (2012). *Ética para meu filho*. São Paulo: Planeta.
- Schaefer, A. D., Hermans, C. M., & Parker, R. S. (2004). A cross-cultural exploration of materialism in adolescents. *International Journal of Consumer Studies*, 28(4), 399–411.
- Schor, J. B. (2004). *Born to Buy: The Commercialized Child and the New Consumer Culture*. New York: Scribner.
- Schwarz, B., Mayer, B., Trommsdorff, G., Ben-Arieh, A., Friedmeier, M., Lubiewska, K., Mishra, R., & Peltzer, K. (2012). Does the importance of parent and peer relationships for adolescents' life satisfaction vary across cultures? *Journal of Early Adolescence*, 32 (1), 55-80. doi: 10.1177/0272431611419508.
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in content and structure of values: theoretical advances and empirical testes in 20 countries. In M. Zanna (org.), *Advances in Experimental Social Psychology*, 25, Orlando, Academic: 1-65.
- Schwartz, S. H. (2012). An overview of the Schwartz Theory of Basic Values. *Online Readings in Psychology and Culture*, 2(1). <http://dx.doi.org/10.9707/2307-0919.1116>
- Segabinazi, J. D., Giacomoni, C. H., Dias, A. C. G., Teixeira, M. A. P., & Moraes, D. A. O. (2010). Desenvolvimento e validação preliminar de uma escala multidimensional de satisfação de vida para adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 26(4), 653-659.
- Segabinazi, J. D., Zortea, M., Zanon, C., Bandeira, D. R., Giacomoni, C. H., & Hutz, C. (2012). Escala de afeto positivo e negativo para adolescentes: adaptação, normatização e evidências de validade. *Avaliação psicológica*, 11, 1-12.

- Segabinazi, J. D., Zortea, M., & Giacomoni, C.H. (2014). *Avaliação de Bem-Estar Subjetivo em Adolescentes*. In: Claudio Simon Hutz. (Org.). *Avaliação em Psicologia Positiva*. 1ed.: Artmed, 69-84.
- Segal, B., & Podoshen, J. S. (2013). An examination of materialism, conspicuous consumption and gender differences: Materialism, conspicuous consumption and gender differences. *International Journal of Consumer Studies*, 37(2), 189–198. <http://doi.org/10.1111/j.1470-6431.2012.01099.x>
- Shaughnessy, J. J., Zechmeister, E. B., & Zechmeister, J. S. (2012). *Metodologia de pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: AMGH Editora Ltda.
- Shim, S., Serido, J., & Barber, B. L. (2011). A Consumer Way of Thinking: Linking Consumer Socialization and Consumption Motivation Perspectives to Adolescent Development. *Journal of Research on Adolescence*, 21(1), 290–299. <http://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2010.00730.x>
- Shoen-Ferreira, T. H. & Aznar-Farias, M. (2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia* 2003, 8(1), 107-115.
- Silva, A. B. B. (2014). *Mentes consumistas: do consumo à compulsão por compras*. São Paulo: Globo.
- Sirgy, M. J. (1998). Materialism and quality of life. *Social Indicator Research*, 43, 227-260.
- Sirgy, M. J., Cole, D., Kosenko, R., Meadow, H. L., Rahtz, D., Cicic, M., Xi Jin, G., Yarsuvat, D. Blenkhorn, D., & Nagpal, N. (1995). A Judgment-Type life satisfaction measure: further validation. *Social Indicators Research*, 34, 237-259.
- Souza, M. T. C. C. (2012). *Afetividade segundo Jean Piaget: contribuições para a psicologia do desenvolvimento*. In C. B. Rossetti & A. C. Ortega (Eds.), *Cognição, afetividade e moralidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 137-154.
- Sweeting, H., Hunt, K., & Bhaskar, A. (2012). Consumerism and well-being in early adolescence. *Journal of Youth Studies*, 15(6), 802-820. <http://dx.doi.org/10.1080/13676261.2012.685706>
- Sweeting, H., Bhaskar, A., & Hunt, K. (2014). Positive associations between consumerism and tobacco and alcohol use in early adolescence: cross-sectional study. *BMJ Open*, 2 (5), 1-8. doi: 10.1136/bmjopen-2012-001446
- Tsang, J.-A., Carpenter, T. P., Roberts, J. A., Frisch, M. B., & Carlisle, R. D. (2014). Why are materialists less happy? The role of gratitude and need satisfaction in the relationship between materialism and life satisfaction. *Personality and Individual Differences*, 64, 62–66. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2014.02.009>

- Tudge, J. R. H., & Freitas, L. B. L. (2012). Internationalization, globalization and culture. *Psicologia e Sociedade*, 24(3), 547–556.
- Twenge, J. M., & Kasser, T. (2013). Generational Changes in Materialism and Work Centrality, 1976-2007: Associations With Temporal Changes in Societal Insecurity and Materialistic Role Modeling. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 39(7), 883–897. <http://doi.org/10.1177/0146167213484586>
- Van Boven, L. (2005). Experientialism, materialism, and the pursuit of happiness. *Review of General Psychology*, 9(2), 132–142. <http://doi.org/10.1037/1089-2680.9.2.132>
- Vásquez, A. S. (1998). *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Veenhoven, R. (1996). The study of life satisfaction. *Chapter 1 in: Saris, W.E., Veenhoven, R., Scherpenzeel, A.C. & Bunting B. (eds) 'A comparative study of satisfaction with life in Europe. Eötvös University Press*, 11-48.
- Workman, J. E., & Lee, S. (2011). Materialism, fashion consumer and gender: a cross-cultural study. *International Journal of Consumer Studies*, 35, 50-57. <http://doi.org/10.1111/j.14/0-6431.2010.0093b.x>
- Zullig, K.J., Valois, R. F., Huebner, E. S., Oeltmann, J. E., & Drane, J. W. (2001). Relationship between perceived life satisfaction and adolescents' substance abuse. *Journal of Adolescent Health*, 29, 279-288.

ANEXOS

Anexo A

Autorização da Direção da Escola

Este estudo está sendo desenvolvido como projeto de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e procura investigar a relação de adolescentes com o materialismo e a satisfação de vida. Conhecendo melhor como ocorre esta relação nos adolescentes, esperamos ampliar nossos conhecimentos acerca do tema e, a partir disso, pensar em intervenções que contribuam para a melhora na qualidade de vida dos adolescentes assim como das gerações futuras.

Neste estudo, serão respondidas escalas de materialismo, satisfação de vida e ainda uma ficha de dados sociodemográficos, para fins de caracterização da amostra. Os participantes serão adolescentes de escolas públicas e particulares de Porto Alegre. As perguntas das escalas foram elaboradas com o intuito de não causar nenhum dano ou prejuízo aos participantes. As escalas serão respondidas coletivamente em sala de aula, ou em qualquer outro local adequado dentro da escola. Os adolescentes serão informados de forma clara de que só participarão deste estudo se quiserem e que poderão se retirar deste a qualquer momento se assim o desejarem ou se for necessário.

Será observado o caráter confidencial das informações obtidas nesta pesquisa. Quando da publicação e divulgação de seus resultados, os seus participantes não serão identificados. Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de pesquisa e serão mantidos por pelo menos cinco anos na sala 118 do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rua Ramiro Barcelos, 2600.

A pesquisadora responsável por este projeto é a Prof^a. Dr^a. Lia Beatriz de Lucca Freitas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rua Ramiro Barcelos, 2600 – sala 118, Porto Alegre – RS, Telefone: 3308-5314. Contatos para maiores esclarecimentos acerca desta pesquisa podem ser feitos por este número, com Fernanda Palhares (mestranda) ou pelo e-mail: ferzinha.palhares@gmail.com. O endereço do Comitê de Ética em Pesquisa que avaliou este projeto é Rua Ramiro Barcelos, 2600. O telefone para contato é 33085441 (seg. à sexta, das 8h às 14h) e o e-mail é cep-psico@ufrgs.br.

Pela presente autorização declaro que fui informado(a) dos procedimentos e objetivos desta pesquisa, bem como da liberdade de retirar minha autorização a qualquer momento, sem penalização ou prejuízo algum.

Autorizo a realização desta pesquisa nesta escola.

Instituição: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

Nome completo do(a) diretor(a): _____

RG: _____

Assinatura: _____

Assinatura da mestranda: _____

Data: _____

Anexo B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais ou Responsáveis Legais

Este estudo está sendo desenvolvido como projeto de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e procura investigar a relação de adolescentes com o materialismo e a satisfação de vida. Conhecendo melhor como ocorre esta relação nos adolescentes, esperamos ampliar nossos conhecimentos acerca do tema e, a partir disso, pensar em intervenções que contribuam para a melhora na qualidade de vida dos adolescentes assim como das gerações futuras.

Neste estudo, serão respondidas escalas de materialismo, satisfação de vida e ainda uma ficha de dados sociodemográficos, para fins de caracterização da amostra. Os participantes serão adolescentes de escolas públicas e particulares de Porto Alegre. As perguntas das escalas foram elaboradas com o intuito de não causar nenhum dano ou prejuízo aos participantes. As escalas serão respondidas coletivamente em sala de aula, ou em qualquer outro local adequado dentro da escola. Os adolescentes serão informados de forma clara de que só participarão deste estudo se quiserem e que poderão se retirar deste a qualquer momento se assim o desejarem ou se for necessário.

A participação de teu(tua) filho(a) não terá nenhum custo para ti ou para ele(a), mas também não lhe trará nenhum privilégio ou remuneração. A participação é completamente voluntária e a qualquer momento tu ou teu(tua) filho(a) poderão optar por encerrar a participação na pesquisa, se assim o desejarem ou se for necessário, sem qualquer prejuízo ou penalização.

Será observado o caráter confidencial das informações obtidas nesta pesquisa. Quando da publicação e divulgação de seus resultados, os seus participantes não serão identificados. Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de pesquisa e serão mantidos por pelo menos cinco anos na sala 118 do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rua Ramiro Barcelos, 2600.

A pesquisadora responsável por este projeto é a Prof^ª. Dr^ª. Lia Beatriz de Lucca Freitas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rua Ramiro Barcelos, 2600 – sala 118, Porto Alegre – RS, Telefone: 3308-5314. Contatos para maiores esclarecimentos acerca desta pesquisa podem ser feitos por este número, com Fernanda Palhares (mestranda) ou pelo e-mail: ferzinha.palhares@gmail.com. O endereço do Comitê de Ética em Pesquisa que avaliou este projeto é Rua Ramiro Barcelos, 2600. O telefone para contato é 33085441 (seg. à sexta, das 8h às 14h) e o e-mail é cep-psico@ufrgs.br.

Pela presente autorização declaro que fui informado(a) dos procedimentos e objetivos desta pesquisa, bem como da liberdade de retirar minha autorização a qualquer momento, sem penalização ou prejuízo algum.

Nome completo do adolescente: _____

Nome completo do responsável: _____

Grau de parentesco: _____

Assinatura: _____

Assinatura da mestranda: _____

Data: _____

Anexo C

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – Adolescentes

Estamos realizando uma pesquisa intitulada: “*Ter ou Ser? O materialismo e sua relação com a satisfação de vida em adolescentes*”. O objetivo principal desse estudo é investigar os níveis de materialismo e satisfação de vida em adolescentes escolares de escolas públicas e privadas de Porto Alegre.

Para participar desse estudo, você deverá ter entre **11 – 18 anos** e deverá se dispor a participar de uma coleta de dados, onde você vai responder a alguns instrumentos sobre materialismo e satisfação de vida. Você é livre para aceitar participar ou não, podendo desistir em qualquer parte da pesquisa. Todas informações dadas por você serão confidenciais e a sua identidade será preservada. Todo o material dessa pesquisa fica sob os cuidados dos pesquisadores responsáveis e após a elaboração do relatório final, será lacrado e armazenado na coordenação do Projeto, que se situa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rua Ramiro Barcelos, 2600 – sala 118, Porto Alegre – RS, Telefone: 3308-5314. Dados individuais dos participantes coletados no processo de pesquisa não serão informados às instituições envolvidas ou aos familiares, mas haverá uma devolução dos resultados, de forma coletiva, para as instituições.

Durante a pesquisa estaremos disponíveis para tirar qualquer dúvida que você tiver sobre a sua participação nessa pesquisa. Você poderá entrar em contato conosco pelos telefones (51) 3308-5314 (Prof. Lia Freitas) ou (51) 8440-9797 (Fernanda Palhares).

Desde já, agradecemos a sua preciosa contribuição.

Nome completo do adolescente: _____

Assinatura: _____

Assinatura da mestrandia: _____

Data: ____/____/____

Anexo D
Ficha de Dados Sociodemográficos

Nome: _____ Idade: _____
 Sexo: () Masculino () Feminino Data de nascimento: ____/____/____
 Endereço: _____
 Bairro: _____ Cep _____
 Nome do Pai: _____ Idade: _____
 Nome da Mãe: _____ Idade: _____
 Contato (responsável): Telefone: _____ Celular: _____
 E-mail: _____
 Quantas horas por dia assiste TV?
 () Não assiste TV () 1 hora () 2 horas () 3 horas () Mais de 3 horas () Não sei
 Quantas horas por dia usa Internet?
 () Não usa Internet () 1 hora () 2 horas () 3 horas () Mais de 3 horas () Não sei
 Nome da escola: _____
 Série: _____

Critério Brasil

| | Não possui | Possui 1 item | Possui 2 itens | Possui 3 itens | Possui 4 itens |
|------------------------|----------------|---------------|----------------|----------------|----------------|
| Posse de itens | Não tem | 1 | 2 | 3 | 4 |
| Televisores em cores | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| Videocassete/DVD | 0 | 2 | 2 | 2 | 2 |
| Rádios | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| Banheiros | 0 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| Automóveis | 0 | 4 | 7 | 9 | 9 |
| Empregadas mensalistas | 0 | 3 | 4 | 4 | 4 |
| Máquinas de lavar | 0 | 2 | 2 | 2 | 2 |
| Geladeira | 0 | 4 | 4 | 4 | 4 |
| Freezer(*) | 0 | 2 | 2 | 2 | 2 |

(*) Independente ou 2a porta da geladeira

Grau de instrução do chefe de família

| Nomenclatura Antiga | | Nomenclatura Atual |
|--------------------------------|----------|--------------------------------------|
| Analfabeto/Primário incompleto | 0 | Analfabeto/ até 3a Série Fundamental |
| Primário completo | 1 | 4a. Série Fundamental |
| Ginasial completo | 2 | Fundamental completo |
| Colegial completo | 4 | Médio completo |
| Superior completo | 8 | Superior completo |

Anexo E

Escala de Valores Materiais (EVM – Short form)

Instruções

Escolha o número de 1 a 5 que mais se aproxime da sua opinião sobre a sentença correspondente. Por exemplo, sobre a afirmação:

Eu gosto de carros caros.

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|----------------------------|-----------------|----------------|-----------------|----------------------------|
| Discordo totalmente | Discordo | Não sei | Concordo | Concordo totalmente |

Você deve marcar 1 caso discorde totalmente da afirmação, 2 caso discorde em parte da afirmação, 3 caso não saiba a resposta ou a sentença não se aplique à sua situação, 4 caso concorde com a afirmação e 5 se concordar totalmente com a sentença.

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|--|---|---|---|---|---|
| 1. Eu admiro pessoas que possuem casas, carros e roupas caras. | | | | | |
| 2. As coisas que eu possuo dizem muito sobre o quão bem estou indo na vida. | | | | | |
| 3. Eu gosto de ter coisas que impressionem as pessoas. | | | | | |
| 4. Eu não presto muita atenção aos objetos materiais que as outras pessoas possuem. | | | | | |
| 5. Eu geralmente compro apenas as coisas de que necessito. | | | | | |
| 6. Eu tento manter minha vida simples, na medida em que disponho de coisas. | | | | | |
| 7. Eu gosto de gastar dinheiro em coisas que não são essenciais. | | | | | |
| 8. Comprar coisas me dá muito prazer. | | | | | |
| 9. Eu gosto muito de luxos na minha vida. | | | | | |
| 10. Minha vida poderia ser melhor se eu possuísse certas coisas que não tenho. | | | | | |
| 11. Eu seria mais feliz se eu pudesse comprar mais coisas. | | | | | |
| 12. Às vezes me incomoda um pouco eu não poder comprar todas as coisas de que eu gostaria. | | | | | |

Anexo F

Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Adolescentes

“Gostaríamos de saber o que você pensa sobre a sua vida e coisas que fazem parte dela. Por exemplo: como você tem se sentido ultimamente? O que você gosta de fazer? Para cada frase escrita abaixo você deve escolher um dos números que melhor representa o quanto você concorda com o que esta frase diz sobre você”.

Exemplo:

| | nem pouco | um pouco | mais ou menos | bastante | muitíssimo |
|-----------------------------|--------------|-------------|---------------------|----------|------------|
| Eu gosto de ir ao shopping. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|--|---|---|---|---|---|
| 1. Eu me divirto com muitas coisas. | | | | | |
| 2. Os outros adolescentes têm mais amigos do que eu. | | | | | |
| 3. Sou compreendido em casa. | | | | | |
| 4. Eu fico feliz quando a minha família se reúne. | | | | | |
| 5. Vou atrás do que quero conquistar. | | | | | |
| 6. Meus amigos passeiam mais do que eu. | | | | | |
| 7. Eu me relaciono bem com meus amigos. | | | | | |
| 8. Minha família se dá bem. | | | | | |
| 9. Eu gosto das atividades da escola. | | | | | |
| 10. Eu sorrio bastante. | | | | | |
| 11. Brigo muito com meus amigos. | | | | | |
| 12. Eu me divirto com meus amigos. | | | | | |
| 13. Eu sou uma pessoa bem humorada. | | | | | |
| 14. Mantenho a calma. | | | | | |
| 15. Minha família me faz feliz. | | | | | |
| 16. Eu gostaria que meus amigos fossem diferentes. | | | | | |
| 17. Meus amigos podem fazer mais coisas do que eu. | | | | | |
| 18. Eu me divirto na escola. | | | | | |
| 19. Consigo expressar minhas ideias. | | | | | |
| 20. É difícil conseguir o que quero. | | | | | |
| 21. Brigar resolve problemas. | | | | | |
| 22. É bom sair com meus amigos. | | | | | |
| 23. Tenho um convívio bom com a minha família. | | | | | |
| 24. Gosto de sair para me divertir. | | | | | |
| 25. Meus amigos se divertem mais do que eu. | | | | | |

| | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|
| 26. Eu sou alegre. | | | | | |
| 27. Faço o que gosto de fazer. | | | | | |
| 28. Tenho sucesso em atividades que realizo. | | | | | |
| 29. Outros adolescentes ganham mais presentes do que eu. | | | | | |
| 30. Meus professores são legais comigo. | | | | | |
| 31. Eu sou inteligente. | | | | | |
| 32. Os outros adolescentes são mais alegres do que eu. | | | | | |
| 33. Gosto de brigas. | | | | | |
| 34. Eu me divirto com a minha família. | | | | | |
| 35. Gosto de conversar com meus amigos. | | | | | |
| 36. Eu sou feliz. | | | | | |
| 37. Eu me sinto calmo, tranquilo. | | | | | |
| 38. Eu sou divertido. | | | | | |
| 39. Meus pais são carinhosos comigo. | | | | | |
| 40. Eu gosto de ir à escola. | | | | | |
| 41. Eu me sinto bem do jeito que sou. | | | | | |
| 42. Gostaria que minha família fosse diferente. | | | | | |
| 43. Sou irritado. | | | | | |
| 44. Meus amigos gostam de mim. | | | | | |
| 45. Eu me sinto bem na minha escola. | | | | | |
| 46. Eu aprendo muitas coisas na escola. | | | | | |
| 47. Eu me considero uma pessoa descontraída. | | | | | |
| 48. Meus amigos me ajudam quando preciso. | | | | | |
| 49. Minha família gosta de mim. | | | | | |
| 50. Minha família me ajuda quando preciso. | | | | | |
| 51. Sou capaz de realizar muitas coisas. | | | | | |
| 52. Gosto da minha vida. | | | | | |

